

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

RITA DE CÁSSIA VEREDA

APELIDO PEJORATIVO NA ESCOLA,
um estudo com adolescentes paulistanos

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA
EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2007

**APELIDO PEJORATIVO NA ESCOLA,
um estudo com adolescentes paulistanos**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para a obtenção do título de MESTRE em
Educação:Psicologia da Educação, sob a
orientação da Prof^a Dra. Laurinda Ramalho
de Almeida**

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir-me chegar até aqui.

À Prof^a Dra. Laurinda Ramalho de Almeida, minha orientadora, pelo carinho, respeito, estímulo e apoio.

À minha mãe, pelos ensinamentos de vida, entre os quais dois foram imprescindíveis neste curso: *a perseverança e a paciência*.

Aos queridos filhos, Diogo, Victor e Jéssica, meus maiores incentivadores e colaboradores.

À minha irmã Cristina, por nunca ter duvidado de que eu conseguiria até nos momentos em que eu não acreditava.

Aos Professores Doutores Mitsuko A. M. Antunes, Abigail Alvarenga Mahoney e Sergio Vasconcelos Luna, pelos quais vou nutrir eterna admiração pelas valiosas contribuições nesta pesquisa e no meu crescimento humano e profissional.

Aos amigos da turma de Mestrado, com os quais muito aprendi, chorei, ri, troquei, cresci,. em especial a amiga Cristiane Groppo, companheira inseparável até o último minuto.

A alguns amigos, que conquistei nesta longa caminhada na Educação e outros ao longo da vida, os quais, cada um a sua maneira, colaboraram com o meu percurso no Mestrado: Aparecida, Eloí, Valéria, Eliana, Élio e Enésio.

À Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo, pelo Programa Bolsa-Mestrado.

Aos adolescentes participantes dessa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a visão do aluno adolescente a respeito do apelido pejorativo na escola.

Apelidos são rótulos negativos que se impõem de fora para dentro ao educando, passando, muitas vezes, despercebidos pelos adultos. Ocorrem nos fundos da sala de aula, nas conversas paralelas durante a aula, nos intervalos, nas trocas de aulas e nas relações cotidianas entre os alunos.

O apelido dado por brincadeira pode ser carregado de objetivos preconceituosos e discriminatórios. Os alunos diferentes em seus aspectos físicos ou de sua origem, como o “gordo”, o “magro”, o “alto”, o “japonês”, o “negro”, o “baiano” e outros, são constantes alvos na escola de perseguições e gozações que humilham e isolam.

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de lançar um olhar sobre esta forma de tratamento entre os adolescentes de uma escola pública, a fim de fornecer subsídios aos professores no enfrentamento das questões relacionais de seus alunos.

A abordagem deste estudo é de natureza qualitativa e usa como técnica de coleta de dados o incidente crítico. Foram aplicados três incidentes relatando casos de alunos apelidados no ambiente escolar, para uma classe do Ensino Médio, de escola pública da periferia de um Município da Grande São Paulo.

O referencial teórico utilizado foi a teoria psicogenética de desenvolvimento de Henri Wallon.

Palavras-chave: Apelido, Henri Wallon, Adolescência

ABSTRACT

The present research aims to study the adolescent view about pejorative nicknames at school.

This pejorative nicknames are negative labels that are imposed from the outside to the inside of the student, and this often happens without the adult perception. It happens at the back of the classrooms, during chats in class, during the break time and even between classes changes, in students' everyday conversations.

The pejorative nicknames given in joke, might be fulfilled with prejudiced and discriminative purposes. The different students, being it physically or due to distinct origins, like the "Fat", the "Thin", the "Tall", the "Japanese", the "Negro", the "baiano" and others, are constantly subjects of persecution and jocular acts that humiliate and isolate them at schools.

This work was developed with the aim of throwing a look over this kind of relation among adolescents in a public school, in order to provide aids for teachers that are facing the matter of students' relationship.

The approach adopt for the present study is from a qualitative nature, using the critical incident as a data collecting technique. Three critical incident were applied to relate the case of high school students that had been nicknamed in a public school environment, in the suburb of a city in São Paulo.

The theoretical frame that underlined this research belongs to the developmental psychogenetic of Henri Wallon.

Key-words: Apelido, Henri Wallon, Adolescência

*Nós vos pedimos com insistência: não digam
nunca isso é natural.*

Sob o familiar descubram o insólito.

Sobre o cotidiano, desvelem o inexplicável.

*Que tudo o que é considerado habitual provoque
a inquietação.*

Na regra descubram o abuso.

*E sempre que o abuso for encontrado encontrem
o remédio.*

Bertolt Brecht

Sumário

Introdução.....	01
Capítulo 1	
1.1 A Adolescência.....	11
1.2 O Apelido.....	21
Capítulo 2	
Procedimentos metodológicos.....	37
2.1 O instrumento de coleta de dados.....	37
2.2 Os sujeitos da pesquisa	41
2.3 O contexto.....	42
Capítulo 3	
Análise e Discussão.....	45
3.1 Incidente Crítico Humberto.....	47
3.2 Incidente Crítico Caroline.....	70
3.3 Incidente Crítico Clara.....	91
Considerações Finais.....	110
Referências	118
Anexo	
Exemplos de respostas dos adolescentes.....	122



INTRODUÇÃO

Educadora há vinte anos na rede pública do Estado de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, passei por diversos segmentos da escola, sendo professora, vice-diretora e atualmente diretora. No papel de gestora escolar há oito anos, atuei em cinco escolas de Município da Grande São Paulo, sendo três delas de periferia e duas centrais. As unidades que dirigi mantinham os seguintes níveis escolares: Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) e Ensino Médio (1ª a 3ª série). Atualmente, dirijo uma escola central de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental no mesmo Município.

Trabalhar não só com os universos infantil e adolescente mas também com professores dos dois níveis de ensino foi muito enriquecedor para mim, pois ao mesmo tempo que ampliou minha experiência, fez com que aumentassem minhas inquietações, tendo em vista as inúmeras dificuldades encontradas na tarefa de dirigir uma escola pública.

A escola, em sua estrutura e organização, pauta-se por regras, padrões, currículos, horários, demandas, calendário escolar e legislação, que se apresentam como demandas necessárias para o andamento da instituição. Uma das dificuldades enfrentadas por mim na condução de uma escola, têm sido os reduzidos momentos destinados às discussões coletivas em seu interior, sobre como essas demandas se apresentam e devem ser consideradas no sentido de garantir um melhor espaço de aprendizagem para os alunos. Atualmente estes momentos de reflexão limitam-se a três dias de planejamento no início do ano, dois dias no início do 2º semestre e aos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) semanais, em número de três horas ou duas, dependendo da escola. Nestes horários, reúnem-se em regra, professores e coordenadores. A direção participa deles raramente, em virtude de os trabalhos administrativos-burocráticos, consumirem o tempo do diretor.

Dentre os obstáculos por mim enfrentados na direção, existe um em

especial que tem gerado muitos conflitos e discussões e ocupa o espaço na sala dos professores, reuniões de pais, horários de trabalho coletivo e, principalmente nas salas de aula, é a questão da **violência escolar**.

A expressão violência escolar, num primeiro momento, nos remete à agressão física, gangues formadas na escola, pichadores, depredadores do patrimônio escolar, brigas de socos e pontapés, alunos portando armas de fogo, tráfico, ameaças a professores e alunos, roubos e furtos. Estes fatos, quando ocorrem, são incansavelmente comentados entre alunos, pais, docentes e ampliados pela mídia.

Porém, um olhar mais atento, num segundo momento, revela uma violência camuflada, que fica nas entrelinhas das relações interpessoais, impregnada na cultura escolar, sendo desconsiderada e negligenciada pelos adultos. Trata-se da violência que se revela através das palavras e pequenas agressões entre os alunos, que vemos e escutamos, mas ignoramos.

Certa vez, um aluno adolescente ao refazer a matrícula respondendo a um questionário básico, prática da escola com alunos desistentes, relatou ter parado de estudar porque não suportava mais ser apelidado pelos colegas. Na época não procurou ninguém para queixar-se e achou melhor desistir. Refleti naquele instante, como era possível um motivo “aparentemente banal” fazer um aluno evadir-se?

A reflexão aguçou meu olhar nas pequenas agressões escolares e, a partir daí, questionando professores, ouvindo funcionários e trocando experiência com outros diretores, concluí que na escola nos ocupamos mais com os casos de violência que acarretam danos ao patrimônio ou danos físicos, deixando em segundo plano as “tensões menores”, especialmente aquelas que não são explícitas e que não causam problemas no desenrolar das aulas. Ficam sutilmente escondidas entre os grupos de alunos no pátio, nos corredores ou nos fundos das salas de aula.

O ingresso no Mestrado proporcionou-me explorar esse assunto, quando iniciei uma busca na literatura a respeito da violência escolar. Constatei após este percurso, que são muitos os tipos de violências analisadas e consideradas comuns. Um primeiro ponto que pude observar é a atual dificuldade entre os pesquisadores, em definir a violência escolar, dada à ampla significação que a expressão vem adquirindo nas últimas décadas. A seguir apresento alguns autores que se preocupam com a questão.

Os atos praticados no interior da escola que atingem o indivíduo em suas diversas dimensões - física, moral e pública- são denominados pela expressão “violência escolar”. (Abramovay e Rua, 2004, p.29)

Não pode haver um conhecimento total acerca da violência nas escolas- porque ela só pode ser representada de formas parciais, e devemos ou aceitá-las como tal ou nos permitir cair na fantasia da onisciência, que é tudo menos ciência. (Debarbieux e Blaya, 2002, 65).

Charlot amplia o conceito de violência escolar, classificando-a em três níveis:

Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;

Incivilidade: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;

Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos, o ensino como um desprazer,...as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho, a violência das relações de poder entre professores e alunos. (Charlot, apud Abramovay e Rua, 2003, p 21)

Aquino, comenta sobre a dificuldade de se delimitar a violência simbólica.

No que se refere especialmente à diáde violência/escola, o primeiro passo, a nosso ver, implica necessariamente uma certa desmistificação da atmosfera persecutória que parece condicionar

nossa visão sobre o problema. Nesse sentido, é preciso ressaltar, de imediato, que as escolas são espaços até certo ponto preservados da violência extensiva que grassa no cotidiano das instituições de um país marcado por uma profunda cisão (e conseqüente desestruturação) social, econômica e cultural, como é o caso brasileiro.(...) Entretanto, não se pode dizer que a escola saia completamente ilesa da brutalidade “à brasileira”. Melhor seria dizer que ela se presentifica no contexto escolar sob outras modulações. Se não atentamos contra a vida alheia de modo explícitos podemos fazê-lo de modo indireto, por exemplo, violando a integridade alheia, por meio de constrangimentos velados ou uma infinidade de micro-agressões- sacralizando assim, um estado de tensão constante entre os protagonistas da ação escolar(...) Violência simbólica: um processo difícil de delimitar! (2000, 163, 164)

Apesar das diferenças de posições entre os pesquisadores do tema, nota-se um consenso quanto ao fato de que não só a violência física merece atenção, pois outros tipos de violência podem ser traumáticos e graves, limitando o desenvolvimento de crianças e jovens. Nas últimas décadas, impulsionados por grande repercussão na mídia de fatos marcantes ocorridos nas escolas, chegando até a morte de estudantes, pesquisadores passaram a estudar a violência escolar numa abordagem psicológica. Um termo largamente utilizado em diversos países, o *bullying*, que diz respeito a este enfoque da violência, despertou em mim grande interesse e deu origem ao problema de pesquisa proposto nesse trabalho.

A palavra *bullying* é de origem inglesa e significa “valentão” “tirano”. O termo abrange um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas de um determinado aluno ou grupo de alunos contra outro aluno. Sua principal característica é o tempo que duram as atitudes agressivas contra alguém, costumeiramente um período longo, fato que o diferencia de brincadeiras ocasionais próprias do convívio das crianças ou do adolescente. Quase sempre, as vítimas são incapazes de se defender e sofrem até que seja tomada alguma providência. Muitas vezes, nada é feito

e a vítima leva marcas emocionais destas agressões ao longo de sua vida. Os estudos sobre este fenômeno tratam da seguinte maneira os envolvidos:

Vítima - quem recebe agressão

Agressor - quem agride (pode ser um aluno ou um grupo de alunos)

Espectador – quem ouve ou vê as agressões ocorrerem e não se manifesta. Podem ser: colegas, professores ou funcionários da escola.

De acordo com a Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e Adolescência, colocar **apelido**, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, são algumas das agressões praticadas que identificam este fenômeno.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, Noruega, no princípio da década de 70, iniciava o primeiro levantamento a respeito de agressores e suas vítimas na escola. Não havia, porém, interesse das instituições sobre o assunto. Entretanto, no final de 1982, um fato ocorrido despertou a atenção das instituições de ensino para o problema. Foi o suicídio de três crianças com idade entre 10 e 14 anos, no norte da Noruega, ato que, com toda a probabilidade, foi motivado pela situação de maus tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros de escola. Aparentemente, foram vítimas graves de *bullying*. (Fante, 2005, p 45)

A partir do fato, Olweus intensificou seus estudos, pesquisando inicialmente 84 mil estudantes, trezentos a quatrocentos professores e mil pais de alunos, incluindo vários períodos de ensino. O diagnóstico realizado verificou que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de *bullying*. Os estudos de Olweus exerceram grande influência nas pesquisas sobre violência escolar, e provocaram, por parte de alguns

governos, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, campanhas de intervenção.

Considero importante destacar também que diversas pesquisas abrangem o mesmo enfoque, todavia com outra nomenclatura, como: intimidação escolar (Peter K. Smith, 2002) vitimização escolar (Marília Pontes Sposito, 2001) violência mascarada (Luiza M.Y. Camacho, 2001), todas tratando de comportamentos agressivos, caracterizados por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder entre os alunos no ambiente escolar. Estas pesquisas contribuíram para esclarecer limites e abrir caminhos para meus estudos.

O fato do tema violência escolar e em especial o *bullying* ser de grande amplitude levou-me a refletir, no decorrer do mestrado, sobre qual aspecto iria abordar esta questão. Optei, então, por focar o **apelido pejorativo** na escola, por já fazer parte das minhas observações cotidianas.

O apelido circula costumeiramente nos lábios infantis, dos adolescentes e dos adultos. É aceito com facilidade, quando é dado por justificativas carinhosas, porém, quando é dado por aspectos pejorativos, evidenciando características físicas ou comportamentais, pode levar a uma rejeição por quem o recebe. Na escola, ele brota com naturalidade e enfatiza os aspectos significativamente diferentes de alguns alunos.

As crianças e os adolescentes tanto das camadas populares como das camadas mais favorecidas socialmente, têm na escola um porto seguro, o lugar de novas amizades, do respeito e da igualdade. Quando se deparam com formas discriminatórias de tratamento, vêem-se confusos em seus valores, sentem-se injustiçados, inseguros e perdidos com relação a si mesmos, podendo refletir no seu desempenho escolar.

O apelido dado de forma pejorativa é quase sempre confundido com indisciplina ou com brincadeira. É considerado menos grave porque não traz conseqüências físicas aparentes. Os danos causados, normalmente são

de ordem psicológica e/ou moral e muitas vezes indissolúveis, levados para a vida adulta.

Propô-lo como objeto de estudo tem o objetivo de provocar uma discussão sobre o tema entre os educadores.

A faixa etária escolhida para este trabalho foi o adolescente da primeira série do Ensino Médio. O contexto escolhido foi uma escola pública estadual da periferia de um dos municípios da Grande São Paulo.

Os seguintes questionamentos surgiram na elaboração do problema de pesquisa: O adolescente aceita o apelido facilmente? Por que o adolescente põe apelido no colega? Por que alguns apelidos “pegam” e outros não? O apelido é palavrão? O apelido é xingamento? Como se sente quem é apelidado? Quem é apelidado deve ignorar quem apelida? Quem é apelidado apelida também? Qual a origem do apelido?

Delimitei então o problema de pesquisa na seguinte pergunta: **Qual a visão do adolescente sobre o apelido pejorativo na escola?**

Para responder a pergunta formulada, escolhi a técnica dos incidentes críticos, apresentando três incidentes com histórias de alunos apelidados pejorativamente no ambiente escolar.

A teoria psicogenética de Henri Wallon ofereceu suporte ao presente trabalho para a definição do problema e para a análise dos dados, nos pontos essenciais do desenvolvimento do adolescente, que é o sujeito desta pesquisa.

A fim de responder à pergunta em questão e dar conta do objetivo deste estudo, alguns tópicos são necessários, apresentados em capítulos.

CAPÍTULO 1

A Adolescência. O processo de desenvolvimento do adolescente na perspectiva walloniana, enfatizando as características desta etapa da vida, com vista à compreensão de como o adolescente enfrenta seus conflitos e sente o mundo que o cerca, no grupo e no meio escolar.

O Apelido Uma sistematização do termo apelido, por considerar que o mesmo possui acepções dicionarizadas que remetem a diferentes interpretações. Esta sistematização é útil também para um melhor entendimento dos motivos pelos quais os apelidos se alastram.

CAPÍTULO 2

Procedimentos Metodológicos Os procedimentos utilizados e os motivos que me levaram a escolhê-los. Coleta de dados, aplicação dos incidentes, caracterização dos participantes e o contexto em que esta pesquisa foi elaborada.

CAPÍTULO 3

Análise e Discussão Os caminhos utilizados para o aproveitamento e entendimento do material coletado, como foi elaborada sua sistematização em quadros e analiso as visões dos alunos, incidente por incidente.



CAPÍTULO 1

Este capítulo é dividido em dois tópicos: A adolescência e o Apelido. No tópico A Adolescência, o objetivo é oferecer aos educadores que trabalham com adolescentes, uma colaboração no entendimento sobre esta etapa da vida humana, tendo como base a teoria psicogenética de Henri Wallon¹ e no tópico Apelido, o objetivo é apresentar uma sistematização do termo no contexto que se propõe este estudo.

1.1 A Adolescência

O adolescente desta pesquisa está vivendo em uma época inigualável, em toda a história, com constantes e rápidas modificações culturais, sociais e tecnológicas. Os valores e modelos educativos neste mundo de intensas transformações são rapidamente superados e tornados inadequados para seu tempo.

O jovem atual faz parte de uma geração que está sendo criada em frente a TV ou navegando na internet, quando não, buscando sua sobrevivência nas ruas, como acontece nas classes mais empobrecidas. Este jovem segue modelos ditados por uma sociedade, valoriza o individual em detrimento do espírito coletivo, é culpabilizado por seus fracassos ou felicitado por seus sucessos, como se estes fossem conquistas únicas e exclusivamente pessoais, ignora, muitas vezes, a existência de uma estrutura social, econômica e educacional que determina sua ascensão ou exclusão nos diferentes segmentos da sociedade.

Quem é este adolescente de hoje? Cada cultura constrói um conceito de adolescência (algumas nem o possuem), baseando-se sempre nas diferentes idades para definir este período. No Brasil, o Estatuto da Criança

¹ Henri Wallon (1879 a 1962) Médico, Filósofo, Psicólogo e Educador francês

e do Adolescente define esta fase dos doze aos dezoito anos de idade. Na teoria psicogenética de Henri Wallon, a etapa² puberdade e adolescência inicia-se por volta dos onze ou doze anos de idade, indo até a fase adulta. O autor esclarece que este estágio, como os demais, expressam características da espécie, e seu conteúdo é determinado através da história e da cultura. (Mahoney e Almeida, 2005)

Wallon não indica uma idade para o término desta adolescência, o que é muito oportuno para os dias atuais, pois hoje jovens permanecem adolescentes, por mais tempo que há algumas décadas. Prolongam esta adolescência com atitudes de imaturidade, características do início deste estágio, por reflexo do excesso da dependência dos pais ou de condições sócio-econômicas.

A teoria walloniana ilumina este ponto ao evidenciar que a adolescência é um fator cultural, marcado pela situação histórica e concreta em que acontece, definida por questões sociais e econômicas da sociedade na qual o jovem está inserido. É claro que não é possível desconsiderar o fator biológico universal das transformações físicas deste estágio, porém as mesmas são recebidas distintamente, inclusive dentro de uma mesma cultura. Exemplo disto são os milhares de jovens brasileiros excluídos, que vivem à margem do sistema, iniciando a vida adulta muito mais cedo do que definem as teorias.

As idades propostas, assim como as características que predominam em cada estágio, são indicativas para o seu tempo e precisam ser revistas de acordo com a época. É importante ressaltar que o adolescente que emerge da teoria walloniana, embora possa pertencer a meios sociais

² As etapas do desenvolvimento na teoria walloniana dividem-se em estágios: Impulsivo emocional (0 a 1 ano); Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos); Personalismo (3 a 6 anos); Categorical (6 a 11 anos) e Puberdade e Adolescência (dos 11 anos em diante).

variados, mora com a família e frequenta a escola, o que coincide com o adolescente deste estudo.

Quando a amizade e as rivalidades deixam de se basear na comunidade ou no antagonismo das tarefas empreendidas ou a empreender; quando esses sentimentos se procuram justificar por afinidades ou repulsas morais; quando eles parecem interessar mais à intimidade do ser que as colaborações ou os conflitos efetivos isto é um indício que a infância está já a ser minada pela puberdade. (Wallon, 1968, p 232)

O estágio da puberdade e adolescência é considerado, na teoria escolhida, como a última e movimentada etapa que separa a criança do adulto que ela tende a ser. Nessa fase, ocorrem modificações fisiológicas impostas pelo amadurecimento sexual, provocando profundas transformações corporais, acompanhadas por transformações psíquicas.

A tomada de consciência temporal de si, e que transforma profundamente a inteligência e a pessoa do jovem é uma das importantes conquistas neste estágio. Esta consciência inicia-se no estágio anterior, com um desprendimento da criança em relação ao outro e ao meio. Na adolescência, o jovem, na busca de respostas para as mudanças no seu corpo e o turbilhão de sentimentos surgidos por causa destas mudanças, exercita um movimento para dentro e para fora de si, o que possibilita um entendimento de sua pessoa não somente entre os outros, mas no tempo. Consegue visualizar o tempo passado e o tempo futuro. Segundo Wallon, “é necessário outro eixo que reúna dentro da unidade e da unidade do eu não somente suas relações com o ambiente, mas também sua sobrevivência no tempo.” (1982, p 344)

As modificações corporais que ocorrem neste estágio são inúmeras e forte componente para desencadear a crise da puberdade e adolescência. O termo crise deve ser usado com prudência, pois para Wallon, esta idéia de crise (período de turbulência) como fator universal, não condiz com sua visão. A crise ocorre por motivo da relação recíproca entre o temperamento

do indivíduo e os diferentes tipos de influência do meio social ao qual o adolescente pertence.

A crise da puberdade instala no adolescente um sentimento de desorientação, de inquietude consigo mesmo e de insatisfação com o seu ambiente que se irradia para todos os domínios da pessoa. Mahoney, discorre sobre os quatro conjuntos funcionais da teoria walloniana (motor, afetivo, cognitivo e pessoa) esclarecendo o conceito de pessoa.

A pessoa- quarto conjunto funcional- expressa essa integração, em suas inúmeras possibilidades. A pessoa é a unidade do ser. Cada indivíduo tem uma forma própria e única, que caracteriza sua personalidade em movimento contínuo que vai desde a pessoa orgânica (predomínio do motor- nos três primeiros meses) até a pessoa moral (adolescência – predomínio do afetivo), passando pelo sensório-motor e categorial. Existem, então, infinitas possibilidades de personalidades, só limitadas pela cultura. (2004, p 19)

Na puberdade e adolescência as diferenças entre o feminino e o masculino acentuam-se, na jovem as diferenças são mais precoces que no rapaz. No rapaz, os traços do rosto afirmam-se, o nariz aumenta mais depressa que o resto da face, o queixo torna-se alongado, o limite do cabelo na fronte começa a perder sua curva infantil e a desenhar sua nova fisionomia.

Como sabeis, a puberdade é o período em que, sob o efeito das secreções novas, originadas em particular pelos órgãos sexuais, produzem no rapaz e na rapariga modificações chamadas caracteres secundários do sexo e que tendem a diferenciá-los um do outro. No rapaz aparece bigode, a barba, modificações da voz, isto é, alargamento da laringe; na rapariga aparecem os seios, alargamento da bacia, etc. (Wallon, 1975, 218).

Nas meninas, a primeira menstruação acontece, os seios crescem, os quadris alargam-se e tornam-se mais arredondados, conferindo ao corpo características próprias do sexo feminino.

Tanto para o rapaz como para as meninas a puberdade e adolescência se definem também pelo surgimento de espinhas, provocadas pela produção abundante das glândulas sebáceas, pelo engrossamento da voz e pelo aparecimento dos pelos pubianos.

A maturação sexual traz consigo mudanças na aparência física. Certas partes do corpo atingem seu tamanho normal antes de outras, como pés, mãos e nariz. As pernas e os braços também apresentam um crescimento desproporcional em relação ao tronco, o que torna o adolescente muitas vezes desajeitado, provocando nele reações de embaraço.

Com todas estas modificações físicas, surge a necessidade de o jovem reorganizar seu esquema corporal; ele precisa reajustar-se a esse novo corpo, isso vai exigir um mergulho dentro de si.

O jovem quer conhecer-se, seu pensamento interioriza-se, numa busca de compreensão e tentativa de aceitação destas modificações físicas, num movimento predominantemente para o conhecimento de si – direção centrípeta, com predominância do afetivo.

As alterações em todo o seu organismo o desorientam e interferem na relação que o indivíduo tem consigo mesmo e com o meio em que vive. Sentimentos de desorientação, de inquietude consigo mesmo e de insatisfação com o seu ambiente se propagam, afetando todos os conjuntos funcionais - *afetivo-cognitivo-motor*.

A maneira como o adolescente vê sua imagem é causa de intensas inquietações neste estágio. Este olhar faz parte dos padrões de beleza e dos valores morais correntes em sua época. Vale lembrar que no mundo contemporâneo há um excesso de valorização da forma física, com um intenso apelo aos jovens de “modelos” através da cultura televisiva e da internet. Não estar inserido neste contexto pode ser fonte de grandes

sofrimentos para os adolescentes. Ser muito magro, gordo, baixo ou alto, por exemplo, pode deixar o jovem apreensivo e insatisfeito.

As modificações corporais levam o adolescente a examinar seu rosto em busca de traços conhecidos, porém a imagem que vê o surpreende a cada instante, provocando nele sentimentos de rejeição e aceitação, admiração e vergonha. Procura mudanças em seu corpo, e as alterações que vão ocorrendo são para ele estranhas; a aceitação destas mudanças é fortemente marcada por valores morais e culturais da sociedade em que vive.

Toda esta confusão de sentimentos decorrentes das alterações físicas, levam-no a ficar horas em frente ao espelho. Wallon assinalou esse fato e denominou-o de **signo do espelho**:

Tanto os rapazes quanto as raparigas têm necessidade de se examinar num espelho e de observar as transformações da cara. Sentem-se mudar e ficam desorientados. Sentem ainda mais esta mudança, esta desorientação perante eles mesmos, em relação ao seu meio ambiente. (1975, p 218)

De um modo geral, a tomada de consciência corporal pelo adolescente pode trazer-lhe conseqüências de toda ordem, ocasionando um excesso de exposição do corpo ou timidez provocada pela vergonha das mudanças.

É também necessário lembrar a importância da orientação sexual nesse estágio. Ela é imprescindível, pois o jovem por ignorância e curiosidade corre perigos durante esta etapa do crescimento, em decorrência dos grandes tabus que permeiam esse tema. Destaca-se aí o importante papel do adulto na orientação do jovem, em especial a atuação do professor neste rumo. Wallon alerta: “É preciso ter sempre o cuidado de cultivar em cada criança o conhecimento das coisas sociais nas quais terá de participar.” (1975, p. 223)

Outra intensa característica da vida psíquica deste estágio, na concepção walloniana é o da ambivalência, que se manifesta nas atitudes ou nos sentimentos. As ações comuns e a vida afetiva tomam uma dimensão surpreendente. No comportamento surge a intolerância com as referências da infância e não mais aceita o controle dos pais.

Surge uma desorientação e descontentamento a respeito dos modelos sociais que lhe são impostos. A vaidade desponta como uma aurora, em virtude de se perceber diferente do sexo oposto e ao mesmo tempo querer atraí-lo. Nas relações que mantém com o outro nasce o desejo de posse, é o amor que desabrocha. Quando ama, deseja absorver em si o ser amado, e o anseio de possuir vem acompanhado da vontade de sacrificar-se pelo outro. De acordo com Wallon, é no encontro destes dois sentimentos que nasce a responsabilidade no jovem, quando se confere um direito e um dever, e é necessário cultivar nele o sentido da responsabilidade.

Outros processos avançam, mudando o comportamento da criança nesse estágio. Ela quer surpreender os outros e busca sonhos impossíveis, e com isto, corre verdadeiros riscos, por se colocar em situações de perigo. É o gosto pela aventura, desejo de ultrapassar a vida cotidiana de conquistar novos ambientes. Esta euforia pelo novo vem acompanhada pela timidez e insegurança.

*Qualquer sentimento comporta o sentimento contrário...
Existem dois sentimentos que são conexos, que são muitas vezes
simultâneos, dominando às vezes um mais ou menos o outro, mas
nunca sendo um estranho ao outro. (Wallon, 1975, p 219)*

Esse estágio é marcado também por ansiedades a respeito do futuro do mundo, sobre si mesmo, com relação aos valores morais, opções

religiosas, místicas e políticas. Podemos dizer que é caracterizado por uma tensão constante e uma contínua insatisfação.

O adolescente é vulnerável, muito suscetível a influências externas, pois na busca de identificação com o mundo adulto, muitas vezes atira-se em experiências perigosas, podendo causar sérios danos ao seu desenvolvimento e a sua vida. Esta etapa requer dos adultos esforços para compreendê-la e empenho na orientação segura voltada para as necessidades do jovem.

Estágio puberdade e adolescência (11 em diante) – aparece aqui a exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamento. O domínio de categorias de maior nível de abstração, dentre as quais a categoria dimensão temporal, possibilita a discriminação mais clara dos limites de sua autonomia e dependência, acrescida de um debate sobre valores. (Mahoney e Almeida, no prelo)

A maior parte dos valores na adolescência são formados no grupo de pares do meio escolar, onde freqüentemente surgem os apelidos, por isso a seguir destaco o conceito de **grupo** e de **meio escolar**.

O Grupo

A humanidade é constituída por grupos nos quais os indivíduos têm em comum ritos, tradições, uma linguagem que lhes permite colaborar entre si visando a dominação do mundo exterior, mas em primeiro lugar precisam se apoiar uns nos outros, a fim de se auxiliarem mutuamente para sobreviver. (Wallon, 1979, p 291)

Na adolescência, o grupo de pares é indispensável, o jovem sem grupo fica isolado, infeliz e solitário. Ele precisa dos parceiros uma vez que todo o processo da adolescência é vivido em grupo. É o grupo que vai introduzi-lo e apoiá-lo em seu novo jeito de ser, de vestir; “...o jovem precisa e prefere transitar com liberdade em seu mundo de iguais, onde

desempenha um novo papel, sendo muito importante o apoio dos outros jovens.”(Gulassa, 2004, p 112)

O grupo de pares exerce um papel essencial na adolescência, caso este grupo seja hostil, agressivo, violento, o jovem tenderá a acompanhar este comportamento na tentativa de se diferenciar do adulto. Na ânsia de fazer parte do grupo, poderá ainda aceitar situações de humilhação em virtude do receio do isolamento.

As normas que sua participação no grupo lhe impõe obrigam a criança a regular a sua ação e controlá-la em frente do outro, como se estivesse diante de um espelho: obrigam-na, em suma, a fazer uma imagem como que exterior a si própria e de acordo com exigências que lhe reduzem a espontaneidade absoluta e a subjetividade inicial. (Wallon, 1986, p 177)

O grupo vem a ser, para o adolescente, o lugar privilegiado do reconhecimento individual, e por isso, o objeto afetivo de maior importância, excluindo, assim, qualquer análise crítica por parte do adolescente sobre sua linguagem ou comportamento pessoal.

O grupo lhe é imperioso, estar no grupo não significa apenas fazer parte dele, mas assumir nele um papel, um lugar na estrutura do mesmo, pois assim irá se diferenciar dos demais membros. Esse movimento de diferenciação proporciona-lhe a apropriação da consciência de si, o que colabora com seu desenvolvimento.

Na teoria walloniana, são da natureza do grupo duas tendências: do individualismo e do espírito coletivo. São forças internas que atuam no grupo, podendo provocar guerras partidárias a favor deste ou daquele ambicioso que aspira ao lugar de líder. Na tendência ao individualismo, o grupo passa a ser um instrumento de interesse de quem deseja apenas atender à própria satisfação. Na tendência ao espírito coletivo, domina o interesse pelos objetivos do grupo.

O Meio Escolar

A escola é o primeiro ambiente diverso ao familiar de que a criança participa. Seus princípios e métodos devem estar voltados ao pleno desenvolvimento do educando. Deve estar inspirada nos princípios de liberdade, solidariedade, respeito, igualdade e tolerância.

Deve estar organizada com ambientes diversos que atendam às necessidades de cada grupo de alunos, de acordo com seus interesses. Acredita-se, como Almeida, que a escola necessária é “uma escola onde todas as crianças tenham acesso...”, pois “a vida na escola é um dos meios para formar o homem-cidadão...”, “todos os alunos têm direito à cultura...” e “o professor desempenha, sempre, um papel ativo na constituição da pessoa do aluno.” (2004, pp 136, 137)

Ainda mais:

Uma escola que responda às necessidades de todos, isto é, às necessidades de cada um, e uma escola que, à medida que a inteligência se vai desenvolvendo no sentido da especialização das aptidões, responda a este progresso do espírito, no sentido da especialização ou das aptidões particulares. (Wallon, 1975, p 421)

Na prática, isto significa oferecer às crianças e jovens todas as oportunidades possíveis para aprender na escola, mobilizando todos os recursos humanos, pedagógicos e técnicos adequados a este fim.

1.2 O Apelido

Este tópico tem como objetivo sistematizar o tema proposto em virtude de o termo **apelido** possuir acepções dicionarizadas que remetem a diferentes significados. Após esclarecer estas acepções, farei um breve levantamento dos significados implícitos do termo apelido e a que estes nos remetem. Posteriormente, desenvolverei de maneira objetiva em virtude da escassa literatura sobre o tema, as situações em que os apelidos são gerados, seus tipos, forma de aplicá-los, os envolvidos na questão e suas conseqüências sociais.

No Dicionário de Língua Portuguesa temos:

Apelido : 1- nome de família (sobrenome); 2- alcunha; 3- ato ou efeito de convocar. (Houaiss, 2004)

Alcunha: 1- epônimo, que se acrescentava ao nome próprio como um sobrenome; 2- qualificativo especial que os reis atribuíam às vilas e cidades; 3- denominação ou qualificativo, por vezes depreciativo, que se usa em lugar do nome próprio de alguém, ou em acréscimo deste, ou em lugar do nome designativo de um grupo de pessoas, um povo etc.(Houaiss, 2004)

No Dicionário de Sinônimos temos:

O termo apelido: agnome, alcunho, antonomásia, apelido, apodadura, apodo, cognome, cognomento, cognominação, epíteto, prosônimo, titulatura, velacho. (Houaiss, 2003)

Na Etimologia, o termo apelido vem do latim- *appellare*- é substantivo masculino; no século XIII convocação; no século XVII sobrenome, alcunha (Cunha, 2001, 57).

Na **Filologia**, o termo apelido leva-nos aos antropônimos e hipocorísticos. Antropônimos: substantivos próprios que numa dada sociedade se aplicam aos indivíduos componentes, para distingui-los uns

dos outros. Geralmente, o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí se destaca o prenome, que é o nome próprio individual, e o sobrenome, ou apelido, que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica, da sua profissão, da sua filiação, de uma qualidade física ou moral, de uma circunstância de nascimento. Exemplo: Paulo de Tarso (apóstolo). Hipocorísticos: em sentido lato, qualquer palavra criada por afetividade com intenção de carinho. Deste modo, são hipocorísticos certos diminutivos (ex. maninha, benzinho) e palavras oriundas da linguagem infantil em regra com a reduplicação (ex. papai, papá, tetéia). Em sentido estrito, o hipocorístico é uma alteração do prenome para designar carinhosamente o indivíduo no meio familiar. A alteração é essencialmente de quatro tipos: a) uso de um sufixo diminutivo(ex. Joãozinho); b) abreviação do prenome (ex.: Mila, por Emília); c) reduplicação da sílaba inicial ou da sílaba tônica medial do pronome (ex.: Lulu, por Luís; Lalá, por Eulália); d) abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo (ex.: Miloca, Luluzinho).

Um hipocorístico em sentido lato também pode ser usado em vez de prenome (ex.: Benzinho, Maninha, Tetéia); e no português do Brasil, foi comum o emprego para esse fim de africanismos saídos de senhor, senhora (Nhonhô, Ioiô, Sinhá, Iaiá, etc). (Câmara Jr., 1968)

As informações acima demonstram que o termo apelido possui definições diferenciadas e, por este motivo, julga-se necessário evidenciar que neste trabalho usa-se o termo apelido no sentido do ato ou efeito de convocar ou chamar alguém. Com relação aos sinônimos, uma das definições que abarca a discussão do presente estudo é a que consta no sinônimo alcunha: denominação ou qualificativo, por vezes depreciativo, que se usa em lugar do nome próprio de alguém.

Reconhecido popularmente como brincadeira de criança, o **apelido** circula em todos os ambientes onde existem relações humanas, na família, na escola, na rua, nos ambientes de trabalho, nos clubes, nos grupos de amigos e em muitos outros meios. Optou-se por explorar, neste trabalho, três dimensões que os apelidos possuem em seu bojo, sem ter a pretensão de esgotá-las ou defini-las como sendo as únicas, são elas: **ambigüidade, comicidade e qualidade metafórica ou metonímica.**

Ambigüidade, 1- característica ou condição do que é ambíguo. 2- obscuridade de sentido; 3- hesitação entre duas ou mais possibilidades. (Houaiss, 2004). Nessa perspectiva o apelido pode ao mesmo tempo demonstrar carinho e demonstrar raiva, desprezo ou ironia. Um exemplo seria o caso de Mané, apelido de quem se chama Manoel, que pode simplesmente significar um tratamento carinhoso por parte de quem chama e em outro momento pode vir carregado de significado pejorativo, denotando ignorância. Desta maneira, um mesmo apelido pode ser bem aceito ou rejeitado, por quem o recebe, dependendo de quem apelida e do meio onde é utilizado.

Comicidade, qualidade ou caráter daquilo que é cômico, engraçado (Houaiss, 2004). O cômico é usado em diferentes campos do conhecimento, porém aqui, ao adotar o cômico para o apelido, estamos nos referindo ao tema no âmbito das atividades humanas que visam despertar o riso. A comicidade está intimamente ligada aos palcos teatrais.

... o teatro e a encenação de comédias, as cortes medievais e modernas e as apresentações de bufões, os espetáculos circenses e os malabarismos ... ou ainda mais recentemente alguns programas televisivos, são espaços nos quais a comicidade aparece como elemento principal....a comicidade sempre esteve presente na vida cotidiana, com mais ênfase nas piadas, cuja difusão fez do riso um expressivo fator de divulgação de valores culturais, notadamente aqueles ligados á cultura popular. (Konzen, 2002, p 46)

Pode-se afirmar, tendo em vista o riso que os apelidos provocam, que ele é uma dessas “piadas” cotidianas ligadas à cultura popular, e possui ainda um caráter artístico.

Esta característica artística do apelido pode ser um dos motivos da facilidade com que eles “pegam”, tornando-se marca do indivíduo apelidado.

Relativamente aos instrumentos lingüísticos da comicidade é preciso enfatizar que a língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria. Desse arsenal fazem parte os trocadilhos, os paradoxos, as “tiradas” de todo o tipo a eles relacionadas (chistes, pilhérias, etc), bem como algumas formas de ironia. (Konzen, 2002, p 55)

A comicidade contida no apelido em algumas ocasiões provoca risos em quem apelida, e até em quem é apelidado. Isso pode ser um dos motivos pelo quais o apelido se fortalece nas relações, pois é motivo de aparente contentamento, ficando difícil impedi-lo ou recusá-lo.

(...) rimos quando em nossa consciência os princípios positivos do homem são obscurecidos pela descoberta repentina de defeitos ocultos, que se revelam por trás do invólucro dos dados físicos, exteriores. (...) O riso surge quando o defeito exterior é percebido como sinal, como signo de uma insuficiência ou de um vazio interior. (Konzen, 2002, 65 apud Propp)

Qualidade metafórica e metonímica, o apelido muitas vezes é uma transposição de significados, carregam consigo possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos, possuem a capacidade de dizer coisas diferentes daquelas que convencionalmente querem dizer, fazendo referência a aspectos físicos ou às características psicológicas dos seres designados. No uso da língua portuguesa, quando realizamos esta transposição, utilizamo-nos dos recursos semânticos das figuras de linguagem. No caso dos apelidos, destacamos duas figuras que são

utilizadas comumente, quando trata-se uma pessoa por um apelido e não pelo seu próprio nome: a metáfora e a metonímia.

Metáfora: acontece quando o narrador usa um termo para representar outro ou para substituí-lo, baseando-se numa comparação de ordem pessoal ou subjetiva. Exemplo “Pau-de-virar-tripa” para uma pessoa alta e magra.

Metonímia: é a substituição de um termo por outro, baseando-se numa estreita ligação de sentido entre eles. Ex. Ceará (nascido no estado do Ceará); Padeiro (homem que produz pães).

Estes recursos lingüísticos são utilizados na aplicação dos apelidos, com a intenção de provocar o riso. Ocorre um jogo de palavras onde o apelidado ou aqueles que estão de “platéia” compreendem o apelido em seu sentido amplo ou geral e aquele que dá o apelido quer focar características específicas do outro; com isto, ele provoca uma contradição e aí surge o riso.

As dimensões relatadas podem surgir nos apelidos isolada ou simultaneamente. Um apelido pode carregar dimensões da comicidade, da ambigüidade e se utilizar de metáforas ou metonímias de acordo com a intenção de quem dá o apelido.

Qual a Origem dos Apelidos?

O apelido pode surgir com o consentimento da própria pessoa e independentemente do seu consentimento. Quando ele “pega”, ou seja, solidifica-se, passa a fazer parte do indivíduo como um rótulo colocado de fora para dentro. É visto de forma “natural” pelas pessoas do grupo, em virtude de ser aceito e repetido, sem reflexão sobre as conseqüências do mesmo na pessoa apelidada, como se o apelido fosse o nome próprio da pessoa.

Entre o consentimento e o não consentimento em receber o apelido existe uma linha tênue que torna esta forma de tratamento repleta de indefinições nos sentimentos de quem recebe o apelido. O indivíduo pode aceitar o apelido por gostar do mesmo e sentir-se lisonjeado e valorizado; pode aceitar o apelido apesar de não gostar, pois todos a sua volta gostam e sente-se constrangido em dizer que não gosta; pode ainda, não gostar explicitamente, deixar claro aos apelidadores que não o aceita, porém os apelidadores insistem mesmo contra a vontade do apelidado, até que o apelido acaba “pegando”.

Estas indefinições provocam nas pessoas que recebem os apelidos sensações diferentes que nos reportam à teoria walloniana na sua definição sobre afetividade.

Para Wallon, a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A afetividade, na teoria walloniana, possui três momentos marcantes e sucessivos: **emoção, sentimento e paixão**. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes. Na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica, no sentimento, da ativação representacional e na paixão, da ativação do auto-controle. (Mahoney e Almeida, no prelo)

As relações em função das circunstâncias se definem nas dinâmicas interpessoais. No caso dos apelidos, os indivíduos que participam desta dinâmica são aqueles que recebem o apelido – **apelidado** - e aqueles que dão o apelido - os **apelidadores**. Nessa relação, o apelido afeta de maneira diversa quem dá o apelido e quem o recebe.

Para quem recebe pode ser agradável ou desagradável.

Para quem dá o apelido é sempre agradável.

Apelido Agradável

O apelido é agradável quando afeta o indivíduo, despertando no apelidado sensações de bem-estar. Estas sensações reforçam aspectos positivos como beleza, aptidões específicas, aspectos comportamentais, identificação com figuras famosas bem sucedidas. Pode ser demonstração de carinho ou admiração. Desenvolve sentimentos de valorização pessoal como segurança, alegria, determinação, coragem, tranquilidade, felicidade e auto-afirmação. Os hipocorísticos, como vimos no início deste tópico, são exemplos de demonstrações de carinho.

O apelido é agradável, ainda, para quem se coloca na posição de apelidador. Este é um indivíduo ou grupo de indivíduos que apelidam alguém. Quem já passou pelos bancos escolares ou aquele que faz parte deste cotidiano como diretores, coordenadores, professores, funcionários sabem que os apelidos são comuns neste meio. Muitos alunos gostam de obter diversão às custas de outro, para demonstrar poder ou auto-afirmação, elegem um “bode-expiatório” colocando um apelido pejorativo, subjulgando o outro a este chamamento por tempos a fio.

Geralmente, o apelidador escolhe os mais frágeis ou quem tem em sua aparência, algo que os diferencie dos demais, pois imagina que o mesmo não terá como se defender. Consegue o apoio de outros colegas e assim segue com esse tratamento, sem que o apelidado consiga revidar ou, se consegue, ignora seus apelos e assim o apelido “pega”.

O apelido pejorativo para este aluno é agradável, pois provoca risos e sensação de poder, demonstra sagacidade e criatividade ao descobrir o ponto “fraco” do outro e a maneira de expô-lo. É a dimensão da comicidade que o apelido possui.

O apelidador não encontra a contenção necessária contra a necessidade de ficar em evidência, em um contexto no qual se sente

plenamente à vontade aparentemente sem normas e sanções, dada à banalidade com que os apelidos são vistos. Deste modo, o apelidador exterioriza toda a sua insensibilidade ao sofrimento do outro, pois tem certeza da impunidade.

O apelidador, apesar desta aparente falta de sensibilidade, pode não ter consciência das conseqüências do apelido pejorativo, e isto não deve ser descartado pelos agentes educacionais, o que fica evidente, em um depoimento colhido na fase de elaboração deste trabalho, fornecido por uma jovem universitária que nos tempos de escola costumava apelidar seus colegas. Optou-se em reproduzir o citado depoimento, porque enriquece este tópico e colabora com a reflexão sobre a necessidade de abordar esse tema nas escolas:

“Eu apelidava meus colegas constantemente, achava engraçado e queria acolher quem não tinha turma, isso tirava meu caráter de culpa, achava que estava fazendo um bem para o outro, não conhecia nem o nome deles, só os apelidos. Certa vez uma colega até chorou para eu parar, porém eu dava risada e não parava. Como eu era líder na sala, todos os outros alunos apelidavam também, era só eu começar.”

O depoimento demonstra ser o apelidador um elemento que precisa de orientação, a fim de desenvolver comportamentos de autocontrole e sentimentos de tolerância, sensibilizando-o para relações sociais mais construtivas.

É importante ressaltar, que os apelidadores às vezes também recebem apelidos, é uma espécie de trato de grupo “você me apelida, eu te apelido”. Para quem observa o grupo de fora, pode “parecer”

pejorativo, porém, quem o recebeu não se incomoda, e este tratamento não prejudica em nada seu convívio social.

Apelido Desagradável

O apelido é desagradável quando afeta o indivíduo, despertando no apelidado sensações de mal-estar. Esses apelidos são freqüentes em diversos ambientes e surgem pelos mais variados motivos. Em alguns casos, fica difícil de explicar sua origem, porém na maioria da vezes é evidente o motivo do mesmo.

Estas sensações de mal-estar ocorrem quando o apelido vem carregado de sentido pejorativo, torpe, depreciativo com a intenção de desprezar, desvalorizar, menosprezar, desdenhar, zombar, ridicularizar, rebaixar o apelidado. Os motivos que levam ao apelido pejorativo são diversos, de acordo com o que segue:

Características físicas: alto, baixo, gordo, magro, nariz grande, orelhas grandes, deficiência física (Ex.: surdez, perturbações mentais, braço ou perna com alguma deficiência, dentes salientes), deficiência visual (uso de óculos), etc

Características comportamentais. Ex.: tipo de vestimenta, timidez, homossexualismo, inteligência, dificuldades de aprendizagem, etc; Neste caso, lembramos que alguns apelidos podem se referir a comportamentos marginais ou relacionados a vícios como a bebida ou a droga;

Origem étnica. Ex.: negro, oriental, índio e outros. No caso do negro, existem diversos estudos específicos sobre os apelidos, neste tópico, posteriormente, dar-se-á destaque a um deles, que é a pesquisa de Niemeyer, 2000.

Local de nascimento. Ex.: no Brasil, os nordestinos e aqueles que nascem no interior dos estados são costumeiramente apelidados, inclusive denominações como “baianinho” ou “caipira” possuem forte significado depreciativos, sendo também utilizadas para referir-se a indivíduos que, às vezes, nem são da Bahia ou do interior dos estados. Estes apelidos são oferecidos a indivíduos que, na visão do apelidador, é pessoa com pouca instrução ou de “mau gosto” nas suas vestimentas.

Relacionados com a profissão. Ex.: No ambiente escolar é comum ouvir apelidos como “Lixão” ou “Sucata”, ao aluno cujo pai trabalha colhendo produtos recicláveis.

Relacionados ao local de moradia: Ex.: Nesse caso, tanto pode ser o tipo de construção da residência “Favela”, para quem mora em barracos ou, ainda, “Sem teto”, para quem mora em uma invasão de terra.

Dois trabalhos são apresentados a seguir, que tratam de estudos da aplicação de apelidos pejorativos, os quais contribuíram com o percurso para a sistematização do tema.

Andrade, 1983, estudou a influência do apelido e de seu papel social no processo de recuperação do alcoólatra. Seus estudos ressaltam o sentido depreciativo dos apelidos que são conferidos aos alcoólatras, e como a família sente o peso da vergonha pelo fato. O alcoólico pode impedir que seus familiares o chamem pelo apelido, mas isso não impede que seus companheiros de bar o chamem assim, pois não tem poder sobre eles, quanto mais reage, parece que mais o apelido se afirma.

A pesquisadora analisou homens alcoólatras que passaram por tratamento de recuperação da doença e que tinham apelidos pejorativos por causa do álcool. Alguns dos apelidos que aparecem na pesquisa são: Teta,

Cagacebo, Bêbado, Porco, Cachaceiro, Pinguço, Boca de Lixo, Chaparral, Zé Pinguinha. Nos depoimentos que constam da pesquisa, uns dizem que não ligavam para os apelidos; em contrapartida outros ficavam ressentidos, magoados, revoltados. Consideravam o apelido uma palavra feia, um xingamento equivalente a um palavrão. Houve depoente que relatou que achava ruim o apelido, mas, às vezes, achava-o engraçado, (vemos aí a comicidade do apelido). Outros disseram que o apelido é um elemento facilitador para beber, pois ressaltam o estado de embriagues.

O apelido para alguns dos alcoólatras, que após o tratamento deixaram de ser chamados pelo apelido, indicou um estágio de vida, um período marcadamente de dependência. Passaram a ser chamados pelos nomes próprios. Os apelidos imprimem sua marca nos indivíduos, muitas vezes, embora aceitando passivamente o fato de ser identificado pelos colegas através do apelido, nota-se a não permissão de serem nomeados pelos membros da família por nomes relativos ao alcoolismo.

Os apelidos são rótulos sociais, escondem as pessoas sob o manto do alcoolismo, não deixando entrever a personalidade real de cada um. O que se constatou no estudo de Andrade, é que de modo geral, os apelidos acrescentam um novo componente à identidade do alcoólatra, e ao se tornarem sóbrios, na medida em que começaram a ser chamados pelo próprio nome, perderam este componente e isto constituiu um fator positivo para a recuperação da auto-estima.

Outro trabalho que trata de apelidos pejorativos foi do Grupo de Estudos da pesquisadora Niemeyer (2000). O trabalho intitulado “O que o silêncio revela. Um estudo sobre a juventude negra em escolas públicas da periferia paulistana” foi realizado em duas escolas da periferia paulistana, na intenção de pesquisar um dos processos de exclusão que atingem as classes menos favorecidas de nossa sociedade. O grupo tentou descortinar

o ponto de vista do aluno negro, a respeito do racismo e preconceito sofridos no ambiente escolar.

Um dos procedimentos utilizados foi uma pesquisa sobre apelidos, junto aos alunos. Seguem abaixo alguns depoimentos registrados neste estudo:

“Vim da Bahia, tenho o sotaque de baiano, acho chato que na escola me tratem por Baiana.”

“Onde eu trabalho tem um rapaz chamado Irineu, só que as pessoas o chamam de Negão, porque ele é negro. Ele não gosta deste apelido, acha que as pessoas ainda vivem com racismo e preconceito.”

“Em situação ruim ou boa as pessoas continuam chamando pelo apelido, pelo menos comigo é. E aí o único jeito é se conformar com isto, já virou forma de me cumprimentarem.”

“Apelidos alegram a galera, e são modos de xingar brincando.”

“Eu tenho um irmão. Quando ele era pequeno, o meu pai colocou o apelido dele de Carreira, porque ele ia buscar as coisas rápido. Esse apelido pegou nele que até hoje os amigos o chamam assim. Só que ele não gosta, porque tem malandro que quando fuma droga dizem “passa a carreira”, ele acha esse apelido muito chato, mas meu pai não pensou nisso. Meu irmão gosta que chamem ele pelo nome.”

“Me chamavam de favelada, só porque eu morava num barraquinho e era humilde, não estudava mas agora dei a volta por cima mostrei para todos que sou pobre sim e humilde também, pois agora tenho uma casa de bloco, estou estudando e vou trabalhar também.”

Alguns apelidos que os alunos participantes da pesquisa, mencionaram foram: para os meninos negros: Caixotinho de Carvão, Neguinho, Pelé, Negão e Churrasco Queimado; para as meninas: Prestígio (porque é preto por fora e branco por dentro e dá pra comer), Cabelo de Bombril, Vera Verão (porque tinha o cabelo curto), Ronaldinho (porque jogava futebol).

Com esse estudo o Grupo de Niemeyer chegou a quatro pontos na conclusão: primeiro, que existem nos apelidos fortes componentes de discriminação, que levam a atitudes racistas como: coisificar os negros; segundo, reforça-se a manutenção de diferenças assimétricas de gênero (masculino/feminino) e etnia; terceiro, solidifica-se a construção do reforçamento do racismo e resignação dos dominados; quarto, verifica-se o silenciamento enquanto política da construção da desigualdade visto na atitude de quem vê acontecer e finge não ver.

Os dois estudos citados trazem à tona o tema dos apelidos e demonstram a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o assunto, por ser um tratamento “aparentemente inocente” entre as pessoas e esta aparente *inocência* não conjugar com a comicidade, a ambigüidade e as metáforas implícitas no mesmo.

Os exemplos citados mostram os apelidos ocorrendo em duas fases diferenciadas da vida, a do adulto e da adolescência. Com certeza muitas outras faces podem ser exploradas para o adulto, porém o presente trabalho foca o apelido desagradável no ambiente escolar na fase da adolescência.

Se para o adulto é algo muitas vezes difícil de compreender, imagine para a criança ou adolescente em formação.

A instituição escolar é um rico ambiente para o desenvolvimento da criança e do adolescente, porém pode também representar um espaço da vida do aluno que deixa marcas desestabilizadoras para esse mesmo desenvolvimento. O apelido é uma brincadeira corriqueira na escola e se confunde com “coisas da idade”, sendo deixado para segundo plano ou nem mesmo reconhecido como relevante para ser atacado. Acredita-se que o apelido é uma forma de violência mascarada silenciosa como outras que acontecem no interior da escola ainda pouco estudadas (*vide bullying*) que precisam ser reconhecidas como tal. Nesse sentido, vale a pena ver o que diz Camacho a respeito desta violência:

É considerada menos grave, porque não traz conseqüências visíveis ou de efeito imediato, porque não machuca o corpo, não faz verter o sangue. Os danos, muitas vezes indeléveis, são geralmente, de ordem psicológica e/ou moral. Essa violência pode se tornar perigosa porque não é controlada por ninguém, não possui regras ou freios e porque passa a ocorrer constantemente no cotidiano escolar. De tanto acontecer, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada “naturalizada” como se fosse algo normal próprio da adolescência. A banalização da violência provoca insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro.” (2001, p 133)

O aluno apelidado pejorativamente no ambiente escolar, caso não consiga se libertar da alcunha, pode fazer parte de uma exclusão interna, ficando isolado pela vergonha e humilhação que o apelido provoca, tornando-se “invisível” para professores e colegas. Outra conseqüência possível é, a fim de fazer parte do grupo de amigos, aceitar uma humilhação diária e silenciosa que poderá trazer conseqüências futuras imprevisíveis.

O aluno que não consegue se impor contra um apelido do qual não gosta, na maioria das vezes apresenta características psicológicas como timidez, insegurança, dificuldade de se impor, passividade.

Ver o apelido na escola como uma forma de violência é um primeiro passo para a conscientização e a compreensão das dificuldades pelas quais passam os alunos apelidados pejorativamente. As fronteiras entre o que é brincadeira e o que é violência, neste caso são tênues e a passagem de uma para a outra nem sempre é percebida. Os educadores não podem se eximir de perceber esta diferença.



CAPÍTULO 2

Procedimentos Metodológicos

O objetivo deste capítulo é caracterizar o caminho percorrido para a obtenção dos dados.

2.1 O instrumento de coleta de dados

A primeira opção feita referiu-se a trabalhar com a abordagem qualitativa de pesquisa. A segunda opção foi quanto ao instrumento de coleta de dados. Optou-se pelo incidente crítico, por acreditar ser rico na busca da opinião do adolescente a respeito do tema abordado. A técnica dos incidentes críticos deve-se a J.FLANAGAN (1954) e é assim retomada por Estrela e Estrela (1978):

Em princípio, todos os comportamentos poderão ser objeto desses registros: episódios que ilustram etapas do desenvolvimento e da aprendizagem, manifestações de dificuldades ou aptidões em determinados campos. No entanto, a técnica parece ser mais adequada para a caracterização das atitudes e das relações sócio-afetivas (...) Esses registros de incidentes devem ser descrições detalhadas e precisas de um comportamento específico e da situação que lhe deu origem. Não devem ser descrições de caráter geral ou vago onde as interpretações e os juízos se misturam e predominam sobre os dados observáveis.

O incidente crítico inicialmente empregado em situação de formação é apontado por Almeida (2004) como um rico potencial, para pesquisa em educação.

O incidente crítico pode ser elaborado a partir de situações reais ou que simulem o real, baseados em fatos que ocorreram no ambiente que se quer estudar. É um meio eficaz de motivação dos alunos envolvendo-os cognitivamente e afetivamente, sendo um forte recurso para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno.

Ao se deparar com a leitura de um fato acontecido em ambiente que lhe é comum, ocorrido com pessoas de sua faixa etária, os sujeitos acabam se identificando ou recordando situações pelas quais passaram ou viram algum colega passar, manifestando assim suas alternativas para o problema proposto e revelando seus valores morais e sociais a respeito do tema.

Foram elaborados três incidentes críticos (IC) com baseados em experiências de escola pública. Os incidentes referem-se aos adolescentes: **Humberto (H), Caroline (C) Clara (Cl):**

Incidente crítico Humberto (H)

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série do Ensino Fundamental (EF). É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série, um grupo de colegas deu-lhe o apelido de “Tetinha”, fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

Incidente crítico Caroline (C)

Caroline está com 14 anos e concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo, na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de “Fusão Preto”. Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto, Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos

jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu à escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

Incidente crítico Clara (CI)

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: “Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil agüentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de “Cabide” por causa da altura”. Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

A aplicação dos incidentes ocorreu em uma escola pública de município da Grande São Paulo, com alunos da 1ª série do Ensino Médio, do período da manhã, que serão, posteriormente, caracterizados. Foi feito contato telefônico com o diretor da escola, explicando o objetivo da pesquisa. Este autorizou a aplicação e indicou uma professora de Português com duas aulas seguidas, que lecionava no Ensino Médio. Assim a pesquisadora foi apresentada à professora das primeiras séries do Ensino Médio, explicando-lhe o objetivo do trabalho, a docente foi bastante receptiva, e não viu problemas em aplicar no mesmo dia os incidentes.

A escolha pela disciplina de Português foi proposital, pois trata-se de uma matéria em que os alunos já estão habituados a redações e também possuem o maior número de aulas semanais na grade curricular, não interferindo “tanto” na rotina de aula do professor com a interrupção de seu conteúdo.

Ao entrar na sala a professora solicitou que a pesquisadora aguardasse a chegada dos alunos, pois vinham de outra sala em virtude de a escola trabalhar com sala ambiente. Após acomodação dos alunos e as devidas apresentações, foi esclarecido aos estudantes o objetivo do trabalho e ainda perguntado aos mesmos se concordavam em participar. Todos concordaram. Segundo Szymanski, a concordância do sujeito em colaborar na pesquisa já demonstra sua intenção de ser ouvido e acreditado, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação. (2002, p 12)

Os incidentes críticos foram levados em envelopes separados, **Humberto, Caroline e Clara** contendo cada envelope quarenta folhas numeradas. Os alunos foram informados que cada um iria receber três folhas, uma por vez, conforme fossem terminando. Ao término de sua resposta com relação ao primeiro incidente, deveria solicitar a próxima com o mesmo número para os demais incidentes. Esta estratégia foi escolhida para que o aluno não ficasse com os três incidentes na mão, podendo ocorrer pressa para terminar; a numeração foi para facilitar a identificação do aluno, no momento da ordenação do material, pois foi esclarecido a eles que não era necessário colocar nomes nas folhas entregues. Para a pesquisadora, ficou identificada a resposta aos incidentes, aluno por aluno, pois o aluno Carlos, por exemplo, recebeu cada um dos incidentes (Humberto, Caroline, Clara) registrados em três folhas separadas identificadas com o número vinte.

No anexo encontram-se as respostas de cinco alunos aos três incidentes críticos como exemplos.

Durante a aplicação, a professora demonstrou preocupação com os erros na escrita dos alunos, mas foi tranquilizada pela pesquisadora, a qual esclareceu que o objetivo não era detectar falhas de português e sim valorizar o posicionamento do aluno frente ao tema.

2.2 Os Sujeitos da Pesquisa

A faixa etária dos alunos do Ensino Médio foi escolhida por ser uma idade na qual os alunos já se expressam com maior facilidade na escrita e possuem uma vivência escolar de no mínimo oito anos, o que facilita emitirem opinião sobre diversos assuntos da escola com a experiência que adquiriram ao longo do tempo.

O quadro abaixo apresenta a caracterização dos participantes.

Quadro 1 – Caracterização dos Alunos quanto ao Sexo e Idade

Idade	Sexo	Feminino	Masculino	Total
14		06	-	06
15		06	11	17
16		-	4	04
17		02	-	02
Total		14	15	29

Estavam presentes na classe trinta e dois alunos, dos quais apenas vinte e nove responderam. O número seis pediu permissão à professora para se retirar a fim de participar de reunião sobre formatura. Os números vinte e três e trinta e um não devolveram os incidentes críticos respondidos.

Durante a aplicação, a maioria dos alunos comportou-se muito bem, demonstrando interesse na leitura e nas respostas aos incidentes. Apenas um grupo de quatro alunos, do sexo masculino, que sentava nos fundos da sala, apresentou pouca concentração e utilizou os incidentes para fazer piadas uns com os outros. A professora interferiu, os mesmos pararam com as piadas, porém ficaram rindo e “cutucando-se” com o lápis. Apesar desta

interferência a classe não perdeu a concentração, ficando apenas um pouco dispersa com conversas paralelas, quando boa parte dos alunos já haviam terminado.

Os alunos terminaram ao final da primeira aula (cinquenta minutos) e não houve necessidade de ocupar a segunda aula da professora.

2.3 O Contexto

A escola utilizada para a pesquisa é pública estadual da periferia de um dos municípios da Grande São Paulo. Foi escolhida dada à proximidade da residência da pesquisadora. Conta com Ensino Fundamental Ciclo II (5^a a 8^a séries) e Ensino Médio, com um total de um mil e duzentos alunos. Funciona em três turnos de aula, manhã, tarde e noturno. No período da manhã, funcionam quatorze classes, sendo três sétimas séries e cinco oitavas séries do Ensino Fundamental, do Ensino Médio quatro primeiras séries, uma segunda série e uma terceira série. No período da tarde, funcionam treze classes, apenas do Ensino Fundamental ciclo II, sendo quatro quintas séries, sete sextas séries e duas sétimas séries. O período noturno atende somente alunos do Ensino Médio e funciona com seis classes, sendo uma primeira série, três segundas séries e duas terceiras séries. Os alunos participantes freqüentam o período da manhã.

A escola fica em bairro afastado do centro, com razoável infraestrutura, ruas asfaltadas, casas de alvenaria, comércio próximo e várias linhas de ônibus. No bairro desenvolveu-se uma favela, cujas crianças são atendidas por esta escola.

Quanto à estrutura física, a escola é ampla, com todo o prédio construído no térreo e possui quatorze salas de aula, um vasto pátio interno coberto, largos corredores que dão acesso às salas de aula descobertos, quadra de esporte coberta, sala de informática, laboratório de química,

refeitório, cozinha da merenda, biblioteca, sala dos professores, sala do coordenador, sala do diretor, sala para os inspetores de alunos, cantina, secretaria e estacionamento. A unidade escolar é toda murada e em ótimo estado de conservação.

Quanto aos recursos humanos, possui Diretor, Vice-diretor e um Professor Coordenador Pedagógico. O corpo docente está completo e, de acordo com informações da direção, todos os professores são habilitados e 90% do quadro é composto por docentes concursados. A escola conta com treze funcionários distribuídos nas funções operacionais que dão suporte ao andamento escola.

A escola trabalha com o Projeto de Salas Ambientes da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, sendo as salas definidas para uma determinada disciplina e o professor lá permanece. Os alunos ao término da aula se locomovem para outra sala de acordo com o horário das disciplinas. São salas com recursos pedagógicos específicos por área e a decisão em participar deste projeto é de livre escolha da unidade escolar.



CAPÍTULO 3

Análise e Discussão

A análise dos dados iniciou-se com a ordenação das opiniões dos alunos uma a uma. Após inúmeras leituras e releituras do material coletado, detectou-se que ora o aluno coloca-se no lugar do apelidado, ora na posição dos apelidadores, ora sugere alternativas de solução para o problema do protagonista do IC e ora posiciona-se quanto aos apelidos no geral.

A partir desta constatação foram definidas as seguintes categorias para sistematização dos dados:

Visão sobre o apelido

Visão sobre o apelidado

Visão sobre os apelidadores

Alternativas de soluções

Outras apreciações

Estas categorias deram origem aos Quadros a seguir:

Quadro 2: *Incidente crítico Humberto*

Quadro 3: *Incidente crítico Caroline*

Quadro 4: *Incidente crítico Clara*

Nesses quadros foram sistematizadas as opiniões individuais dos alunos. Este foi o primeiro passo do processo de análise. Após a sistematização, surgiu a necessidade de se obter uma visão geral do conjunto dos alunos da classe a respeito de cada incidente, a fim de facilitar a discussão, assim foram elaborados os Quadros 5, 6 e 7.

Quadro 5: visão da classe sobre o incidente crítico Humberto

Quadro 6: visão da classe do incidente crítico Caroline

Quadro 7: visão da classe do incidente crítico Clara.

Feito isto, passou-se à discussão dos quadros em separado.

Nas páginas seguintes encontram-se as análises, incidente por incidente, na seguinte seqüência: registro do incidente crítico (o qual é reproduzido novamente para facilitar o percurso do leitor), quadro das visões individuais dos alunos, quadro da visão do conjunto da classe e discussão.

Discussão Incidente Crítico Humberto (H)

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série do EF. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de “Tetinha”, fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

Quadro 2 – Visão Individual dos Alunos sobre O Apelido, O Apelidado, Os Apelidadores e suas alternativas de soluções

Incidente crítico HUMBERTO (H)

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
1	F	17	- Ninguém deveria colocar apelido, pois machuca muito, só quem recebe que sente.	- H se tomou agressivo porque foram agressivos com ele, não era uma agressão física e sim "agressão sentimental." - H não agüentou as ofensas e acabou "estourando", pois queria machucar aqueles que o machucaram.	- Quem dá o apelido não sente dor - Não concorda com os colegas de H em colocar apelidos		
2	M	15	- Apelidos são "piadinhas" que não dão certo, e há hora certa para estas brincadeiras.		- Quem apelida deve saber com quem mexe, se mexer com a pessoa errada "ela vai chorar, vai chamar a mãe e aí a coisa fica preta."		
3	M	15		- H não agüentou as brincadeiras. - H foi se irritando com o passar do tempo e ficando agressivo.			- Não são todas as pessoas que agüentam certos tipos de brincadeiras.



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
4	F	17	- O apelido faz parte das brincadeiras de sala de aula; se alguém coloca apelido deve estar preparado para receber e não reclamar, porém se recebe apelido sem dar, aí passa a ser uma brincadeira de mau gosto.	- H teve atitudes agressivas, em virtude de não ter dado liberdade para estas brincadeiras e os colegas não o respeitaram.			
5	F	14		- H não é obeso porque quer. - Concorda que agüentar as provocações não deve ser fácil, porém não justifica a agressividade de H com os colegas, causando violência.	- Os colegas de H estão totalmente errados. - Isto é preconceito e hoje é comum.	- Desprezar os amigos e fingir que não é com ele.	
6			NÃO RESPONDEU				





Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
7	F	14		- Pessoas obesas já se sentem mal, por excesso de gordura, têm vergonha de serem o que são, ficam em depressão.	- Não são amigos, ao invés de ajudar põem apelidos de mau gosto. - É falta de respeito, xingar ou colocar apelidos nos colegas de escola.	- H não deve ligar "estressar-se não vale a pena"	
8	M	16	- São brincadeiras sem graça.			- H deve "urgentemente" procurar alguém mais velho para dar um fim nisto; se ele não ligar, resolve.	
9	M	15	- Apelido nunca é agradável.- Esta forma de tratamento gera violência.	- H agiu com violência para impor respeito e ganhar seu espaço.			
10	M	16		- H não deve ficar agressivo.		- H deve procurar a direção da escola; caso esta não tome providência, ele pode se defender e a direção não poderá dar advertência.	- "Isto já aconteceu comigo e fui à direção várias vezes, não adiantou, então comecei a revidar os insultos, eles não gostaram e queriam me bater tanto na escola como fora"

7

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
11	M	15		- H não deve se envolver em brigas por causa do apelido.	- São alunos mal educados.	- H deve procurar a direção, ou não ligar para os apelidos.	- Valorização da escola " A escola é para estudar e não brigar, devemos respeitá-la."
12	M	15	- Apelido é preconceito "Todo o aluno gordo tem apelido, em todas as escolas acontece isto."	- O "gordo" que recebe apelido se sente magoado, não consegue fazer amizade com pessoas preconceituosas.	- Eles devem parar de xingar os " gordos".		- "Eu só xingo uma pessoa de gorda quando ela me xinga, mas eu xingo de Baleia; se parar de xingar eu paro. Eu não tenho preconceito de nada e nem gostaria de ter."
13	M	15		- H não gosta do apelido pois é relacionado com sua forma física, com o tempo ele ficou nervoso.			
14	F	14	- O apelido para o "gordo" é comum: " Eu já sofri muito com isto e conheço pessoas que sofrem."	- H é digno de pena. Na maioria das vezes as pessoas não são " gordas" porque querem, pode ser problema de saúde e os outros não compreendem.			- " É horrível passar por esta situação, pois até seus amigos te zoam." - Acredita que o mais importante é a beleza interior e não a aparência física.



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
15	M	15		- H não deve ficar agressivo.		- H deve procurar a professora; caso ela não resolva, deve procurar o diretor, e se ele ainda não der jeito, falar para seus pais.	
16	F	15	- O apelido pode ficar, marcar uma pessoa e transformar um bom menino em uma pessoa revoltada.	- H já sofre por ser obeso e ainda os colegas o ofendem "é por isto que tantas crianças ficam depressivas e não se sentem bem consigo mesmas."	- Ofender por causa da obesidade é preconceito. - Os colegas são bons para ofender, mas para ajudar não.		- " Os adultos devem prestar mais atenção nas crianças quanto ao que elas fazem e falam, pois podem prejudicar outras pessoas".
17	M	15	- Apelido é brincadeira sem graça " É como um mosquito zoando na sua orelha."			- H não deve ligar e deve excluir os colegas que o apelidam e arrumar outros que não ligam para sua aparência.	





Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sSobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
18	M	16	- Apelido só pode ser dado para quem aceita a brincadeira "Aí pode zoar."	- H não deve ficar agressivo.	- É falta de respeito fazer isto com quem não gosta de apelido "às vezes fica até chato, aí o moleque não quer ir mais para a escola."	- H deve ignorar os colegas, mas se não resolver deve procurar a direção.	
19	M	14	- Apelido deve ser levado na brincadeira, pois todos têm.	- H não deve ficar agressivo.		- H deve falar para os colegas pararem ou fazer uma reclamação ao professor; caso não resolva, procurar o diretor ou mudar de escola.	
20	M	15	- Apelido na escola é comum "todo mundo zoa todo mundo." - Apelido é comum, as pessoas mais velhas têm desde criança, herdaram dos seus amigos.	- H é uma pessoa que detesta apelido, suportou um ano depois não agüentou. - H não deve ficar agressivo.		- H deve procurar os professores ou o diretor.	



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
21	F	15	- Apelido é agressão verbal e não física. - É incorreto apelidar por causa da aparência física ou por problemas psicológicos.	- H perdeu a calma pois foi xingado e zoado. Esta forma de tratamento não é fácil de suportar, a pessoa perde a tranquilidade e se torna agressiva. - H pode se tornar calado e não fazer novas amizades.	- É preconceito.		- "Devemos respeitar o jeito de ser das pessoas, pois todos temos defeitos, ninguém é tão perfeito a ponto de julgar os outros.
22	F	15	- Caçoar dos outros pode ocasionar problemas psicológicos, como: queda da auto-estima, agressividade e isolamento.	- H pode estar numa fase de obesidade "alguma anomalia"	- É falta de maturidade, de educação e respeito entre os colegas.		- Os pais devem orientar os filhos a não ofender as pessoas: "Educação vem de berço."
23			NÃO RESPONDEU				



Alunos			Visão Sobre o Apelido	Visão Sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
24	F	15	- Apelido é comum, só fica agressivo com isto quem dá muita atenção.	- H está jogando seu futuro fora, dando importância para estes obstáculos, "ele pode quebrar a cara."		- H deve ignorar os apelidos, pois assim seus colegas irão parar. "Isto já aconteceu aqui na sala e o menino também se envolveu em brigas."	
25	F	15		- H tem razão em ficar agressivo. "É horrível alguém ficar zombando da gente e isto chega a um ponto da pessoa ficar irritada."		- H deve ignorar os "engraçadinhos", se não resolver, deve procurar a direção.	
26	F	14		- H não deve ficar agressivo, mesmo não gostando dos apelidos.		- H deve falar com seus pais para irem na escola, se não resolver, deve mudar de escola. - H deve fingir que não conhece os colegas e também fingir que não tem este apelido. Assim os colegas irão parar.	



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
27	F	15	- O apelido é um xingamento e ninguém deve xingar ninguém.	- H não tem culpa de ser gordo e os apelidos magoam muito. "Se fosse comigo eu ficaria revoltada porque ninguém gosta de ser humilhada." - H ficou agressivo por causa dos colegas, porém não deveria partir para a agressão.	- Estão errados em colocar apelido.		
28	M	15	- Apelido é piada sem graça.	- H não deve se tomar agressivo, pois assim os apelidadores zoam mais. - H não deve ficar agressivo.	- Quem coloca apelido é que deve ter.	- H não deve ligar para os outros.	
29	M	15			- Estão errados em colocar apelidos.	- H deve conversar com os colegas e dizer que não gosta desta brincadeira. Caso não resolva, deve pedir para seus pais irem conversar com o diretor. E se mesmo assim não solucionar o problema, deve mudar de escola ou procurar a Vara da Infância.	



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
30	M	16			- Eles colocam apelidos nos outros, mas não gostam de receber. "As pessoas só gostam de cuidar da vida dos outros e esquecem da vida delas."		
31			NÃO RESPONDEU				
32	F	15	- Gosta de apelidos.	- H não deve ficar agressivo.		- H deve procurar os colegas e explicar que o apelido o incomoda e o deixa constrangido. - H deve ignorar os colegas, apesar de saber que é difícil.	

Quadro 5 – Visão da Classe – Incidente Crítico Humberto

Visão sobre o apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
O apelido é: • brincadeira comum. • brincadeira sem graça. • motivo de gozação. • agressão Verbal • demonstração de preconceito. • provocador de mudança no comportamento, do apelidado, de bom para mau. • provocador de sofrimento. • gerador de sensações desagradáveis. • gerador de violência.	Humberto foi : • agredido nos seus sentimentos. • agressivo <u>desnecessariamente</u>. • agressivo com razão. • merecedor de compaixão. • discriminado por sua forma física. • excluído do grupo de amigos.	São pessoas que: • não se colocam no lugar do outro. • são preconceituosas. • não sabem ser amigos. • não respeitam o outro. • mal educadas. • podem provocar exclusão da escola. • são imaturos. • estão errando.	Humberto deve: • desprezar e ignorar os apelidadores • excluir os apelidadores. • conversar com os apelidadores. • fingir que não é com ele. • mudar de escola. • mudar de amigos. • procurar ajuda: primeiro dentro da escola: professores e diretor; depois fora dela: pais e Vara da Infância.	• Alguns identificam-se com o caso H, por já terem passado situação idêntica. • Valorizam a escola como espaço de respeito. • Valorizam aspectos "interiores" do indivíduo em detrimento da aparência física. • Condenam a desatenção dos adultos com relação a ofensas verbais feitas pelas crianças.

O IC **Humberto**, apresenta um aluno que se torna agressivo por receber o apelido de “Tetinha” na escola, por anos seguidos. No quadro que apresenta as opiniões da classe a respeito deste IC, verifica-se que o mesmo caso suscitou diferentes opiniões, umas mais acaloradas que outras, porém nenhum adolescente manteve-se indiferente ao tema.

Este IC desperta nos participantes inúmeras sensações desagradáveis, geradas pela situação apresentada. Sensações estas sinalizadoras da sensibilidade do adolescentes perante o IC. Ao se defrontarem com o caso **H**, recordam fatos pelos quais passam ou vêem acontecer, o que demonstra ser o tema comum aos adolescentes. Referen-se a **H** com conhecimento de causa, daí ter sido fácil a identificação.

O adolescente atual comumente taxado por pais, educadores e mídia de desinteressado e irresponsável, mostra-se em suas opiniões: responsável, compreensivo e interessado nas questões dos relacionamentos que afetam seu cotidiano escolar. O incidente desperta, na maior parte deles, indignação por ver alguém ser colocado em situação vexatória através do apelido, por causa de sua forma física.

Visão sobre o apelido

Os adolescentes demonstram ter plena consciência que o apelido aplicado de maneira pejorativa é provocador de sensações desagradáveis em quem o recebe. Vêem o mesmo como agressão verbal e que provoca sofrimento, gera violência, é indicador de preconceito.

Isto demonstra o desenvolvimento da consciência moral, nessa etapa da vida. A teoria walloniana esclarece-nos que a consciência moral que se solidifica ao longo da adolescência tem início no estágio categorial, propicia o surgimento de exigências racionais nas relações do adolescente com o outro e evidencia-se através de novas necessidades manifestadas

pelo adolescente, como ser tratado com respeito, justiça e igualdade de direitos.

“Apelido é agressão verbal e não física. É incorreto apelidar por causa da aparência física ou por problemas psicológicos.”

(A 21)

“Ninguém deveria colocar apelido, pois machuca muito, só quem recebe sente.”(A 1)

“Apelido nunca é agradável. Esta forma de tratamento gera violência.” (A 9)

O adolescente repudiando esta maneira de tratamento, evidencia que este estágio não é marcado apenas por rebeldia e intransigência. Ao abandonar a atitude infantil acentuam-se também os sentimentos de solidariedade e de união para com seus pares. O sofrimento de **H** comove e inquieta alguns adolescentes como vimos acima.

Apesar das opiniões de indignação com relação aos apelidos, determinados alunos apontam ser esta uma situação rotineira nas escolas.

“Apelido na escola é comum todo mundo zoa, todo mundo”

(A 20)

“Apelido é preconceito, todo o aluno gordo tem, em todas as escolas acontece isto.” (A 12)

O apelido é visto pelos adolescentes como brincadeira. Este conceito de brincadeira é um dos significados implícitos do apelido, como

demonstrado no capítulo anterior, é a comicidade, o fazer rir, que pode ser para o apelidador entreter os outros a sua volta, ou para seu próprio divertimento. No caso dos apelidos estes usam o outro para ser o objeto da sua diversão.

“Apelido deve ser levado na brincadeira, pois todos têm.
(A 19)

“Apelido só pode ser dado para quem aceita a brincadeira, aí pode zoar.” (A 18)

“O apelido faz parte das brincadeiras de sala de aula. Se alguém coloca apelido deve estar preparado para receber e não reclamar, porém se recebe apelido sem dar, aí passa a ser brincadeira de mau gosto.”(A 4)

Outro ponto destacado pelos adolescentes é o apelido como demonstração de preconceito.

“Apelido é preconceito. Todo aluno gordo tem apelido, em todas as escolas acontece isto.” (A 12)

“O apelido para o gordo é comum, eu já sofri muito com isto e conheço pessoas que sofrem.”(A14)

Os adolescentes mostram ser conscientes do preconceito existente na escola e até por experiência pessoal, porque alguns vivenciaram a situação na própria pele, situação esta que caracteriza um padrão discriminatório com o aluno “diferente”.

Discorrendo sobre diferenças físicas, preconceito e sua superação, Amaral (1998), diz que a caracterização do outro como diferente corresponde à comparação entre uma determinada pessoa ou um

determinado grupo e o “tipo ideal”, construído e sedimentado pelo grupo dominante.

Visão Sobre o Apelidado

Os adolescentes vêem **H** como alguém que foi ferido nos seus sentimentos. O fato de ser obeso comove os alunos, em virtude de acreditarem que este elemento, sozinho, já é causador de muito sofrimento em **H**. Acrescenta-se aí o apelido pejorativo e temos alguém que inspira compaixão nos adolescentes.

*“**H** é digno de pena. Na maioria das vezes as pessoas não são gordas porque querem, pode ser problema de saúde e os outros não compreendem.” (A 14)*

*“**H** já sofre por ser obeso e ainda os colegas o ofendem é por isto que tantas crianças ficam depressivas e não se sentem bem consigo mesmo.” (A 16)*

A compaixão demonstrada pelos adolescentes indica que eles por alguns momentos viram-se no lugar do outro, compreendendo a problemática que **H** suporta. Conseguem se libertar de uma consciência individualista para a consciência social.

Para que o sujeito chegue a se livrar deste bloco subjetivo em que se vêm aglomerar todas impressões e todas as noções que ele recebe das coisas, é necessário que sua consciência, de estritamente individualista, torne-se social, isto é, que ela se abra à representação dos outros indivíduos, cuja consciência deverá ter, entretanto, as mesmas prerrogativas que a dele. (Wallon, 1986, p 159)

Com relação à agressividade de **H**, observa-se que os adolescentes possuem opiniões divergentes uns concordam outros não.

“H tem razão em ficar agressivo. É horrível alguém ficar zombando da gente e isso chega a um ponto da pessoa ficar irritada.” (A 25)

“H se tornou agressivo porque foram agressivos com ele, não era uma agressão física e sim uma agressão sentimental.” (A 1)

*“H não deve se envolver em brigas por causa do apelido.”
(A 11)*

“H não deve ficar agressivo mesmo não gostando dos apelidos.” (A 26)

A agressividade de **H** na visão de alguns alunos é justificável porque ele foi agredido nos seus sentimentos, pois tinha sido “zoadado” por um longo tempo, portanto é justa a maneira como agiu. Outros alunos já não concordam com a agressividade, criticando seu comportamento e repreendendo-o. As opiniões ora apresentadas evidenciam a importância de cuidar das relações interpessoais entre os alunos na escola, colocar em pauta rotineiramente as discussões sobre valores e posicionamentos, para que os alunos possam refletir sobre suas opiniões e seus atos.

O apelidado pode ter direito à revanche na fala dos alunos, para conquistar seu espaço pode, inclusive, usar de violência.

*“**H** se tornou agressivo porque foram agressivos com ele, não era uma agressão física e sim sentimental. Ele não agüentou as ofensas e acabou estourando, pois queria machucar aqueles que o machucaram.” (A 1)*

“H agiu com violência para impor respeito e ganhar seu espaço.” (A 9)

As afirmações acima indicam que o adolescente tem necessidade de revidar a agressividade recebida porque a recebeu primeiro. Lembram inclusive o quanto uma atitude de desrespeito de humilhação praticada ao longo do tempo pode gerar violência. Neste ponto existe o perigo em não se tomar providências com as agressões aparentemente inocentes na escola, como é o caso do apelido, a conseqüência pode ser imprevisível.

A intolerância ao diferente é uma das faces do processo que dá origem à violência, esta é construída ao longo de uma história e não apenas por uma explosão de agressividade. Daí a necessidade de a escola estar atenta aos pequenos “delitos”, com vistas a prevenir os grandes.

O stress acumulado da microviolência pode ter um efeito tão desestabilizador quanto um único ataque grave, e que a violência é tanto uma questão de opressão diária quanto de atos brutais e espetaculares. (Blaya e Debarbieux, 2002, p 82)

Visão dos adolescentes sobre os apelidadores

Os adolescentes, nos seus depoimentos, registram uma tendência em ver os apelidadores de maneira impiedosa. Criticam seu comportamento, são enfáticos em declarar que não concordam com eles. Referem-se a eles como, imaturos, mal educados, desrespeitosos e preconceituosos.

“É falta de maturidade, de educação e respeito.” (A 22)

“Ofender por causa de obesidade é preconceito.” (A 16)

“Não são amigos; ao invés de ajudar, põem apelidos de mau gosto.” (A 7)

A ênfase dos adolescentes do presente estudo em confirmar indignação com as atitudes dos apelidadores, demonstra uma intenção em fazer o que é certo, o que é justo, o que é digno. Mesmo que na prática as ações não tenham esta mesma direção. Wallon ilumina-nos sobre esta questão, apontando ao professor que o adolescente tem, além de sonhos vãos, elementos práticos e positivos que devem ser explorados.

Vedes que nesse período não existe somente o que os poetas nele quiseram situar. Há, ao lado de sonhos vão, verdadeiros riscos. Mas há também elementos positivos e é esta parte positiva que o educador deve esforçar-se por pôr em evidência.
(Wallon, 1975, p 221)

Os apelidadores não sabem se colocar no lugar do outro, dizem os alunos.

“Quem dá o apelido não sente dor.” (A 1)

“Os colegas são bons para ofender mais para ajudar não.”

(A 16)

“Eles colocam apelidos nos outros mas não gostam de receber.” (A 30)

As opiniões mostram o entendimento do adolescente na diferenciação com o outro. Na consciência da importância do bem-estar do outro para a sua convivência. Acredita que os amigos devem ajudar-se mutuamente, não podem desejar ao outro o que não gostam para si e é sensível à dor alheia.

As pessoas do meio nada mais são, do que ocasiões ou motivos para o sujeito exprimir-se e realizar-se. Mas se ele pode dar-lhes vida e consciência fora de si, é porque realizou em si, a distinção do seu eu e do que lhe é complemento indispensável: esse estranho essencial que é o outro. (Wallon, 1986, p164)

Valorizar os anseios de justiça, que os adolescentes apresentam na sua fala, despertar o valores morais e sociais existentes no adolescente, através de ações claras para a melhoria do ambiente escolar, é um dos caminhos que a escola pode perseguir para a concretização do seu papel no desenvolvimento deste adolescente.

Alternativas de soluções

As alternativas apresentadas pelos adolescentes para solucionar o problema dos apelidos na sua maioria são para o apelidado desprezar, fingir, ignorar e excluir a amizade com os apelidadores.

“Desprezar os amigos e fingir que não é com ele.”(A 5)

“H deve fingir que não conhece os colega se também fingir que não tem esse apelido.”(A 26)

“Ignorar os colegas, pois assim seus colegas irão parar.”(A 24)

“Excluir os colegas que apelidam e arrumar outros, que não ligam para sua aparência.”(A 17)

Estas opiniões indicam que alguns adolescentes possuem estratégias específicas para a resolução dos conflitos. Estratégias estas nem sempre adequadas, como indicam as opiniões citadas acima, pois mascaram a realidade podendo provocar o isolamento deste jovem, evidenciando ainda dificuldade em expor seus problemas. Estas práticas mostram a exclusão do diálogo que deveria ser um exercício comum nas escolas.

O aluno agressivo é facilmente percebido, porém o aluno quieto, em um canto da sala de aula ou no pátio, pode tornar-se invisível aos olhos daquele que possui as ferramentas necessárias para ajudá-lo, o professor.

A tendência de ignorar e fingir que não vê, é comum nesse tipo de agressão e corrobora com os estudos sobre vitimização escolar. Camacho, ao investigar as sutilezas das faces da violência nas práticas escolares, diz-nos que o artifício do mascaramento não é privilégio apenas dos protagonistas, o adulto que vê a violência acontecer, no caso o professor, e finge que não está vendo. O aluno também faz de conta que o adulto não vê e a partir daí, observa-se um teatro de fingimentos de ambas as partes. (2001, p 137)

Outra alternativa de solução na visão dos alunos, que surgiu várias vezes, é que o apelidado procure um adulto a fim de resolver o problema. Os adultos que aparecem são Diretor, professor e pais. Houve quem sugerisse, inclusive, que se procurasse a Vara da Infância, caso os anteriores não resolvessem.

“H deve urgentemente procurar alguém mais velho para dar um fim nisto...” (A 8)

“H deve procurar a professora, caso ela não resolva, deve procurar o diretor (...)” (A 15)

“H deve procurar a direção da escola; caso esta não tome providências, ele pode se defender e a direção não poderá dar advertência.” (A 10)

Esta visão leva à reflexão do seguinte ponto: os adolescentes estão cobrando a interferência do professor e da direção para dirimir conflitos na escola.

O adolescente não é tão avesso à autoridade como se propaga, reconhece no diretor, no professor e nos pais, figuras respeitáveis para ajudar na solução dos seus problemas. Porém avisa: “caso estes não resolvam”, ele resolverá do seu jeito e ninguém poderá repreendê-lo.

É importante evidenciar na formação dos professores e demais agentes educativos que situações aparentemente corriqueiras podem ser devastadoras para alguns alunos. Compete ao adulto mais experiente e mais bem informado tutelar as relações interpessoais de crianças e jovens na escola, na sala de aula e fora dela. Não se trata de intervir, mas de cuidar, evitando excessos, mostrando alternativas adequadas. A escola é uma oficina de convivência, e seus profissionais devem cuidar para que a convivência seja saudável e provocadora de desenvolvimento. (Almeida, 2006, p 58)

Ao mesmo tempo em que deseja tornar-se independente do adulto, o jovem necessita de orientação para resolução de seus conflitos e para as escolhas que pretende realizar. É um jogo de alternância próprio da adolescência de acordo com Wallon, esta é necessária para a construção da pessoa e da identidade do adolescente.

Outras Apreciações

Ao emitirem suas opiniões a respeito do IC há um envolvimento maior de alguns adolescentes que já passaram por experiência parecida com a do protagonista.

“Isto já aconteceu comigo e fui à direção várias vezes: não adiantou, então comecei a revidar os insultos, eles não gostaram e queriam me bater tanto na escola como fora” (A 10)

Nota-se que o adolescente identificou-se com **H**, referindo-se ao apelido como um insulto sofrido repetidamente, pois procurou a direção várias vezes. Estes insultos desencadearam uma reação idêntica por parte dele, de insultar também, levando à prática de violência no interior da

escola e fora dela, mostrando, ainda, o quanto ele foi afetado pelo ocorrido.

À escola cabe preocupar-se com os alunos, porque, além de ensinar valores, é seu dever protegê-los contra os intempéries da idade. Vale lembrar, aqui, um dos tópicos defendido no Plano³ Langevin- Wallon, e apresentado por Almeida como meta para a Educação:

O desenvolvimento da pessoa: motor-afetivo-cognitivo, deverá levar à formação de valores (entendidos como referências de conduta grupal e pessoal) de responsabilidade, cooperação e solidariedade, de respeito por si próprio e pelo outro e pelos direitos dos demais.(Almeida, 2004a, p 174)

Assim, a escola estará no caminho para o pleno desenvolvimento do educando, não apenas na transmissão do conhecimento científico acumulado pela humanidade, mas também nos valores humanos indispensáveis à convivência em sociedade.

³ O Plano Langevin Wallon, trata-se de proposta apresentada para Reforma do Ensino Francês em 1947

Discussão do Incidente crítico Caroline (C)

Caroline está com 14 anos e concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo, na 5ª série, começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de “Fuscão Preto”. Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto, Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu à escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

Quadro 3 – Visão Individual dos Alunos sobre O Apelido, O Apelidado, Os Apelidadores e suas Alternativas de Soluções

Incidente Crítico CAROLINE (C)

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
1	F	17		- C fica magoada e ofende-se com esta forma de tratamento. - C é obrigada a mudar de escola por causa das gozações.	- Eles tiram a paz de C.		- Acredita na igualdade. "Todos nós temos defeitos e ninguém é perfeito, para que ofender os outros, se Deus vê todos com os mesmos olhos e não com diferença física."
2	M	15		- C está certa em ser agressiva por causa das ofensas. "Se fosse comigo iria brigar com todo mundo da escola".		- Mudar de escola.	
3	M	15				- Ignorar os apelidos, assim os colegas perceberão que C não está para brincadeiras.	



Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
4	F	17	- Apelido é brincadeira de mau gosto. - O apelido está se referindo à "cor" de C e isto é racismo.	- C foi excluída pelos colegas. - C provocou esta situação, se ela apelidava os colegas também.		- Os diretores de escola devem fazer algo para mudar esta situação.	
5	F	14	- O apelido não fica bem para uma moça.	- C está correta em ser agressiva "se fosse eu, faria a mesma coisa."	- Conviver com colegas de quem não se pode ser amigo e nem fazer trabalhos juntos não vale a pena.	- C deve mudar de escola para conhecer novos amigos.	
6			NÃO RESPONDEU				
7	F	14	- Apelido é falta de respeito; estas brincadeiras devem acabar.	- C se prejudica não renovando a matrícula, por causa dos colegas.	- Eles são pessoas insignificantes, não se olham no espelho.		
8	M	16				- C deve procurar as mães dos estudantes ao invés de parar de ir à escola. - Mudar de escola.	

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre o Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
9	M	15	- Apelido é falta de união.		- A atitude dos colegas é "absurda" a ponto de C nem refazer a matrícula. - É uma injustiça vários colegas contra um.		
10	M	16		- C está certa de se isolar por causa dos xingamentos.		- Mudar de escola, mas não parar de estudar.	
11	M	15		- C deve agüentar as provocações. - C não tinha que se envolver em "encrencas" por causa do apelido.		- Não abandonar a escola. - Ignorar os colegas, pois a qualquer hora eles param.	
12	M	15	- Alguns apelidos são comuns. Não se deve ficar com raiva.		- Os apelidadores são insensíveis, "caras de pau". - Eles podem precisar dela e ela não irá ajudar		

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
13	M	15	- Apelido que se refere à característica física da pessoa pode causar confusão.	- C sente-se excluída, em virtude de ser motivo de risada dos seus colegas, isto mexe com seus sentimentos.			
14	F	14	- O apelido é uma "barbaridade", pode provocar raiva, angústia e depressão profunda.	- Sente pena de C "Coitada dela !"			- Lembra de um caso na sala: "No ano passado tinha um aluno na sala com o mesmo apelido. Na 5ª série passei por isto, pois estava chegando na escola pública, os meus colegas me zoavam muito. Eu reclamava com os professores e com o diretor e eles não faziam nada. Minha mãe cansou de ir na escola. Muitas vezes eu queria faltar por causa disto e muitas vezes batia nos colegas que me irritavam. Nada adiantava, só pararam quando comecei a não ligar."

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
15	M	15				- Ignorar os apelidos. - Levar a mãe ou o pai para assistir aula com ela, assim os colegas a respeitarão.	
16	F	15	- Apelidar por causa das características físicas de alguém é ofensa e preconceito por isto " dá cadeia".	- Vê com tristeza o fato de uma menina tão nova ficar isolada e deixar de aprender por causa dos amigos.	- Eles são injustos por que C nunca fez mal e nunca ofendeu ninguém.		- A escola deve ter um psicólogo, para atender os alunos. Assim eles participam das seções e não se sentem mal por causa dos outros.
17	M	15			- Eles devem colocar-se no lugar dela , sendo chamada de apelido racista.	- Fazer novas amizades e não deixar de ir à escola.	
18	M	16		- C não agüentou as gozações "Ninguém é de ferro".	- Eles estavam sendo muito injustos com ela desde a 5ª série " A escola toda zoando com ela, pegando no pé dela."	- Mudar de escola.	

31

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
19	M	14		- C deve agüentar as brincadeiras. "Se não zoar ninguém não será zoadado".			
20	M	15		- C ficou revoltada e começou a se isolar. Pode ter mudado de escola.	- Eles são persistentes quando querem "abusar" de alguém, nada os faz parar.		
21	F	15	- Apelido é gozação, faz a pessoa se afastar dos amigos, ficar triste, sem vontade de ir à escola. - Apelido é preconceito por causa da classe social.		- Eles zoam por que acham legal, porém ignoram os sentimentos dos outros.		- Tudo que um aluno quer é amizade e estudo.
22	F	15				- Ignorar as gozações, apesar de saber que deve ser difícil. - "Nunca largar os estudos se não o que será do futuro."	

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
23							
24	F	15		- C fez muito mal em desistir de estudar, ela se deixou levar pela raiva.	- Eles não querem nada da vida.	- Orienta C a não desistir. "Não deixar-se derrotar por qualquer coisa, os preconceitos vêm e vão e vivemos para vencer."	- A escola representa um bom futuro, um trabalho e uma faculdade. -
25	F	15		- C não teve atitude correta brigando com seus colegas e não participando das atividades de classe. - C irritou-se e não renovou a matrícula, pois temia que as gozações continuassem.		- Ignorar os colegas de classe: "Erguer a cabeça e não ligar."	
26	F	14		- C suportou apelido sem gostar e teve que enfrentar esta situação.		- Procurar o diretor da escola e os professores eles tomarão providências. Caso contrário, poderá ficar reprovada e não se livrar dos colegas.	

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
27	F	15	- Apelido não deve ser colocado em ninguém, ainda mais de mau gosto, pois magoa as pessoas.	- Concorda com a "revolta" de C , porém não concorda com as brigas.		- Procurar o diretor da escola que deve chamar os pais dos apelidados. Caso isto não resolva, tomar as providências "sozinha".	
28	M	15				- Ignorar os apelidos, e estudar muito. Os estudos que irão garantir o seu futuro. - Não deixar de fazer a matrícula por causa dos apelidados.	

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
29	M	15				- Não parar de estudar. - Procurar fazer novos amigos. - Ignorar os colegas que a irritam. - Não se isolar por causa dos apelidos.	
30	M	16				- Ignorar os apelidos. - Suportar as gozações porque depois de um tempo eles param.	
31			NÃO RESPONDEU				
32	F	15		- C cansou de ser humilhada e decidiu parar de estudar.		- Pedir transferência de sala - Não parar de estudar.	

Quadro 6 – Visão da Classe – Incidente Crítico Caroline



Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os apelidadores	Alternativas de soluções	Outras Apreciações
• Demonstração de racismo. • Demonstração de preconceito. • Atitude desrespeitosa. • Brincadeira de mau gosto. • Falta de união. • Tratamento comum. • Motivo de sofrimento. • Motivo de gozações. • Motivo de isolamento. • Motivo de exclusão escolar.	Caroline foi: • agredida nos seus sentimentos. • influenciada desnecessariamente. • certa em se isolar. • certa em ser agressiva. • provocadora da situação. • excluída pelos amigos. • excluída da escola. • errada em desistir da escola. • errada em brigar. • digna de pena. • humilhada	Eles são pessoas que: • geram intranquilidade. • não merecem amizades. • não se colocam no lugar do outro. • não respeitam o outro. • são injustos. • são persistentes. • são insignificantes. • são insensíveis.	• Mudar de escola. • Mudar de amigos. • Mudar de classe. • Procurar os pais. • Procurar o diretor. • Procurar o professor. • Procurar as mães dos apelidadores. • Ignorar os apelidadores. • Ser otimista. • Não se isolar. • Não abandonar a escola. • Fazer novas amizades. • Suportar as gozações	• Todos são iguais perante Deus. • Identificam-se com C, contando casos ocorridos com eles. • Sugerem um psicólogo para as escolas. • Aluno só quer estudar e ter amizade. • Valorização da escola.

O IC **Caroline (C)** apresenta uma aluna que recebeu o apelido de Fuscão Preto na escola, durante quatro anos seguidos. Esta forma de tratamento deixou-a agressiva e isolada dos colegas de escola.

As visões dos alunos demonstram novamente que foram afetados pelo incidente. Neste incidente em especial, aparentemente as opiniões foram mais acaloradas que no anterior. Como pode ser verificado no Quadro 3, expressões como “barbaridade”, “depressão profunda”, “cadeia”, “insensíveis”, “insignificantes” são indicadoras do quanto os alunos ficaram comovidos e indignados.

Esta comoção, talvez seja, porque este incidente possui um componente de racismo por causa da suposta origem negra da aluna e em virtude também, de a protagonista ter sofrido durante quatro anos. O incidente não deixe explícito que a aluna é negra os alunos deduzem pelo tipo de apelido.

O tema do racismo é silenciado nas escolas. Apesar de não ser o foco deste estudo a opinião dos alunos nesse IC pode ser vista como um alerta do que passa o aluno negro com os costumeiros apelidos. Posturas racistas são disfarçadas nas escolas através de brincadeiras com o negro, o japonês, o índio, os nordestinos e com todos os alunos que não seguem um padrão de aparência física ou comportamental aceito pela maioria.

Visão Sobre o Apelido

Alguns alunos ficam tão surpresos com o incidente **C**, que utilizam termos contundentes para emitirem sua opinião.

“Apelido é barbaridade e pode causar depressão profunda.”

(A 14)

“É uma barbaridade o apelido”, ao dizer isso, o aluno revela a indignação que sente com o incidente. Fica evidente que ele considera o apelido nesse caso muito grave, causador inclusive de depressão profunda. Não é uma dor física e sim uma dor emocional, para o aluno é clara esta diferença. Esta colocação do aluno reporta ao que diz Wallon: “A influência sobre os pensamentos, os atos, os sentimentos acaba freqüentemente por estender-se aos órgãos.” (1986, p 166)

“Apelidar por causa das características físicas de alguém é ofensa e preconceito por isso dá cadeia.” (A 16)

O aluno com este parecer demonstra conhecimento das questões legais e é direto e claro, “ofensa e preconceito dá cadeia.”

Para ele, as características físicas do indivíduo não devem ser motivo de zombaria e já emite a solução para o problema, sugerindo a prisão dos apelidadores. Vê-se, aí, a falta de negociação através do diálogo, elemento fundamental na escola para o amadurecimento do adolescente.

“Apelido é brincadeira de mau gosto.” (A 4)

“Apelido é falta de respeito estas brincadeiras devem acabar.” (A 7)

“Apelido é falta de união.” (A 9)

O apelido para os alunos é considerado brincadeira de mau gosto, falta de respeito e falta de união. Estes conceitos de nítida consciência da diferença entre brincar inocentemente e brincar com a finalidade de desvalorizar o outro são claros nos depoimentos acima. A desunião também surge como elemento desestruturador das relações na visão dos alunos. A união neste caso parece ser um ideal almejado pelo adolescente.

Na adolescência, o jovem tenta escapar de uma vida limitada, rotineira, tenta superar seu meio imediato e transcendê-lo por meio do devaneio, criando uma vida mais mágica, colorida, heróica e feliz. É a fase de utopia juvenil. (Gulassa, 2004, p 112)

O apelido pejorativo na visão dos alunos surge ainda, como elemento causador de gozações, isolamento, tristeza e exclusão escolar. A opinião do aluno a seguir representa uma respectiva parcela da opinião da classe a respeito do tema.

“Apelido é gozação, faz a pessoa se afastar dos amigos e ficar triste, sem vontade de ir à escola.” (A 21)

Este relato indica que o aluno pode chegar até a desistir de estudar, o que seria a consequência mais grave. Porém a tristeza e a perda dos amigos também são fatores prejudiciais. Os agentes educacionais necessitam despertar o olhar para esta questão, e acreditar na possibilidade de que alguns alunos sofrem com este tipo de tratamento. O apelido não pode passar despercebido como uma simples brincadeira, é preciso analisar o contexto e, se necessário, interferir na questão.

Visão do Apelidado

A protagonista deste IC causa diferentes reações nos adolescentes, uns concordam (até colocando-se em seu lugar) com ela em ficar agressiva por causa dos apelidos, uns discordam, outros a culpam pela circunstância e alguns penalizam-se com sua situação. As reações traduzem que o IC despertou diversos olhares, mostrando que a classe foi afetada pela história de C.

Algumas manifestações afetivas são de identificação com o caso, concordando com as brigas e dizendo que se fosse com eles, fariam igual.

Vemos aqui um exemplo de como a violência vai sendo construída na escola.

“C está certa em ser agressiva por causa das ofensas, se fosse comigo, iria brigar com todo mundo da escola.” (A 2)

“C está correta em ser agressiva, se fosse comigo eu faria a mesma coisa.” (A 5)

Outros alunos manifestam-se discordando das atitudes de C em brigar com os colegas, podem ser alunos mais abertos ao diálogo, que não resolvem seus conflitos com brigas ou que não vêem o sofrimento de C como um impedimento de participação nas atividades de classe ou motivo de agressividade.

“C não teve atitude correta brigando com seus colegas e não participando das atividades de classe.” (A 25)

C deve suportar a humilhação, as gozações o isolamento e o apelido de Fuscão Preto sem reagir, porque caso ela reaja, irá envolver-se em “encrenca”. Este modo de pensar deixa o apelidado em uma situação de sofrimento e de absoluta impotência. Por isso sair desta condição muitas vezes é difícil para o adolescente sozinho; é necessário um olhar atento, cuidadoso, do professor para perceber o que está ocorrendo.

“C deve agüentar as provocações, não tinha que se envolver em encrencas por causa do apelido.” (A 11)

Alguns alunos enxergam C com certa “raiva”, pois acreditam que ela só passou por isso porque provocou a situação. Entre eles existe certo

acordo, como já vimos⁴, em apelidar só quem apelida também. Seguindo esta linha de raciocínio os alunos que acham que ela apelidava os colegas são de opinião que ela mereceu o apelido.

“C provocou esta situação, se ela apelidava os colegas também.” (A 4)

A compaixão pelo apelidado aparece novamente neste incidente. Para alguns alunos a pessoa humilhada é digna de pena, ela pode deixar de aprender e os “amigos” é que são os responsáveis. Mostram, deste modo, sensibilidade com o sofrimento de C.

“Vê com tristeza o fato de uma menina tão nova ficar isolada e deixar de aprender por causa dos amigos.” (A 16)

“Sente pena de C: Coitada dela!” (A 14)

Visão Sobre os Apelidadores

Neste IC permanece uma indignação geral com relação aos apelidadores, como ocorreu no incidente anterior. A diferença é que os alunos ampliaram seu leque de opiniões usando termos mais diversificados, o que pode indicar um maior envolvimento deles com este caso.

Para os adolescentes, os apelidadores tiram a paz dos outros.

“Eles tiram a paz de C.” (A 1)

Não são merecedores de amizade.

⁴ Aluno 4 Incidente crítico Humberto

“Conviver com colegas de quem não se pode ser amigo e nem fazer trabalho juntos não vale a pena.” (A 5)

São insignificantes, injustos, insensíveis e persistentes.

“Eles são pessoas insignificantes, não se olham no espelho.”
(A 7)

“É uma injustiça vários colegas contra um.” (A 9)

“Os apelidadores são insensíveis, caras de pau.” (A 12)

“Eles são persistentes quando querem abusar de alguém, nada os faz parar.” (A 20)

O principal ponto que se pode tirar destas visões é que os alunos não concordam com as atitudes que levaram C a parar de estudar e de sofrer durante quatro anos. Repudiam o caráter visivelmente discriminatório dos apelidadores, caráter este que os torna, na visão dos alunos pessoas desprovidas de valores sociais necessários à boa convivência.

Segundo a teoria walloniana, nem sempre os valores morais que o adolescente costuma defender com veemência estão expressos em seu comportamento nas situações reais de vida. Isto ocorre na adolescência em decorrência de uma indefinição nas atitudes sociais e morais do jovem. O que o leva a ter atitudes inversas ao modo de pensar, por exemplo, no presente caso, em que critica os apelidadores e na prática pode ser um deles.

Como tais atitudes fazem parte do desenvolvimento, precisam ser toleradas pelos adultos, particularmente o professor e demais atores escolares, embora isto não seja fácil. É necessário que se crie um ambiente propício ao desenvolvimento do sentimento de solidariedade no

adolescente. A escola deve levar em conta essas alterações no temperamento do jovem, a fim de não julgá-lo precipitadamente e marcar seu futuro.

Alternativas de Soluções

Das alternativas sugeridas pelos alunos a **C**, a que mais surgiu foi a de ignorar os apelidadores e os apelidos.

“Ignorar os colegas, pois a qualquer hora eles param.”

(A 11)

“Ignorar os apelidos.” (A 15)

“Ignorar as gozações, apesar de saber que deve ser difícil.”

(A 22)

Ignorar os apelidos indica que para o adolescente é mais fácil mascarar a realidade do que enfrentá-la. Vale a máxima de que, com o tempo, os apelidadores desistem ou o apelidado deixa de se importar com o apelido. Esta reação de ignorar pode trazer, no entanto, consequências ao apelidado, e ainda, uma certa banalização das questões discriminatórias na escola.

Surge, novamente, a figura do adulto para a resolução de conflitos.

“C deve procurar as mães dos estudantes...” (A 8)

“Levar a mãe ou pai para assistir aula.” (A 15)

“Procurar o diretor da escola e os professores eles tomarão providências.” (A 26)

A confiança no adulto deve ser vista de maneira positiva, pois o adolescente possui uma tendência, própria da idade, de se rebelar contra o adulto e ouvir apenas os colegas do grupo. O grupo é indispensável à criança, não somente para sua aprendizagem social, como também para o desenvolvimento de sua personalidade e para a consciência que ela terá desta última. Porém o adulto tem um papel central na construção de contextos educativos significativos. Sejam pais, professores ou quem quer que esteja em contato com os jovens.

Às afirmações acima, vale acrescentar a de um pesquisador contemporâneo italiano estudioso dos problemas juvenis na escola.

Se cada adulto estivesse engajado nessa batalha educativa, todo contexto relacional não poderia deixar de trazer benefícios. A ação comum por parte de todos os adultos viria a ser uma verdadeira estratégia de intervenção, mais forte e eficaz, para enfrentar e prevenir as formas do mal-estar juvenil. Além disso, seriam promovidas, ao mesmo tempo, melhores condições de bem-estar para o adolescente, mais favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades. (Costantini, 2004, p 80)

Como o incidente apresenta uma aluna que possivelmente parou de estudar por causa dos apelidos, outra alternativa de solução que aparece muito é para C não parar de estudar. O que significa a valorização da escola por parte dos adolescentes.

“Não abandonar a escola.” (A 11)

“C nunca deve largar os estudos porque se não o que será do futuro.” (A 22)

“Não deixar de fazer a matrícula por causa dos apelidadores.” (A 28)

Não desistir da escola destaca-se como indicador positivo nas opiniões dos alunos. Mesmo com críticas, a tendência entre eles é gostar da escola em que estudam. Este gosto pela escola não deve ser perdido através de ações inadequadas que propiciem a exclusão e a perda do respeito e amor por ela.

A escola de Wallon não limita sua ação à instrução, mas considera o aluno uma pessoa em processo de desenvolvimento, e reconhece que seu papel repousa no conhecimento desse aluno, de suas possibilidades e necessidades. (Almeida, 2004: 122)

Outras Apreciações

Neste incidente surge a religiosidade como solução para as desigualdades. Para o aluno, Deus é complacente e para ele não existe diferenças.

“Todos nós temos defeitos e ninguém é perfeito, para que ofender os outros se Deus vê todos com os mesmos olhos e não com diferença física.” (A 1)

Um relato de caso verídico surge na classe com uma das alunas e a mesma lembra ainda que, nesta turma, havia um aluno com o mesmo apelido no ano anterior.

“No ano passado tinha um aluno na sala com o mesmo apelido. Na 5ª série passei por isto, pois estava chegando na escola pública, os meus colegas me zoavam muito. Eu reclamava com os professores e com o diretor e estes não faziam nada. Minha mãe cansou de ir na escola. Muitas vezes eu queria faltar por causa disto

e muitas vezes batia nos colegas que me irritavam. Nada adiantava, só pararam quando comecei a não ligar.” (A 14)

Surge neste relato a discriminação dos colegas por uma aluna nova na escola. Ainda no mesmo relato aparece a busca pelo adulto para a solução dos problemas, a não-solução do problema por este, o desânimo de freqüentar a escola por causa dos “colegas” ocasionando faltas, a busca de solução através da violência e, por fim, o desprezo aos “colegas”, como último recurso.

A aluna foi discriminada por ser nova na escola. Isto mostra que as faces da discriminação entre os alunos são inúmeras e diferenciadas, precisam ser estudadas. A aluna parou de ser perseguida ao ignorar os colegas, porém o período em que sofreu, com certeza marcou negativamente sua convivência na escola. Relatos assim reforçam a necessidade de se educar para a tolerância, solidariedade e compartilhamento no cotidiano escolar.

Discussão do incidente crítico Clara (Cl)

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: “Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil agüentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de “Cabide” por causa da altura”. Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

Quadro 4 – Visão Individual dos Alunos sobre O Apelido, O Apelidado, Os Apelidadores e suas Alternativas de Soluções

Incidente Crítico CLARA (CI)

31

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
1	F	17		- CI deve sentir-se linda e alegre por causa do apelido. - CI deve lutar pelos seus objetivos e não deixar que nada atrapalhe seus sonhos.	- Hoje eles estão "gozando" de CI, amanhã podem estar sendo "gozados" por outros.	- Ignorar as gozações.	
2	M	15	- Apelido poderia dar cadeia.		- Eles julgam-na só porque ela é magra, "a magra sempre é gorda por dentro, e mesmo assim, pessoas magras e gordas são legais".		- Valoriza a beleza interna "As pessoas podem ser feias por fora e bonitas por dentro".
3	M	15		- CI era bela não tinha porque alguém "zoar". - CI tem que ser feliz, pois é bonita e pode até ser modelo, não tem por que se irritar.	- Eles têm preconceito contra as pessoas altas, e fazem "gracinhas" colocando defeito" nos outros.		

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
4	F	17	- O apelido às vezes é dado na intenção de zoar e outros são na intenção de que as pessoas se sintam melhores "É melhor não apelidar ninguém para não criar confusões e magoar as pessoas".	- O apelido de CI é carinhoso. - CI não entendeu os amigos, por isto ficou muitos anos passando humilhação, sendo tratada de uma forma que ela não gostava. - CI entendeu que seu apelido estava criticando sua altura e magreza, mas era um "elogio".			
5	F	14		- CI deve ter agüentado muitas provocações para se sentir aliviada ao término do curso.		- Não se importar com a opinião dos outros "Se ela é alta ou não, é problema dela ninguém deve dar opinião."	- Cabide não parece um apelido para quem é alta.
6			NÃO RESPONDEU				

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sSobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras alternativas
Nº	Sexo	Anos					
7	F	14				- CI deve ignorar os apelidos, pois também existiam amigos que achavam ela bonita.	- Cabide não é um apelido para uma pessoa alta.
8	M	16		- CI preocupava-se com as gozações dos colegas.			Compara com outro IC "Este caso não é tão complicado quanto os outros, porque a amiga achava ela bonita".
9	M	15			- Eles sentem inveja. " Às vezes as pessoas sentem-se menos que as outras e apelidam"		
10	M	16		- Admira a força de vontade e paciência de CI em agüentar as gozações." Parabéns! CI ."	- Eles precisam de ajuda.		Compara com outro IC "Não fez como a menina do caso 2 que abandonou a escola.

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
11	M	15		- CI está querendo chamar a atenção da amiga, só para ser mais admirada. - CI quer chamar atenção de todos.			
12	M	15			- Eles não têm sentimentos.		Acredita que não se deve julgar as pessoas pela aparência. "Ninguém é perfeito, todos têm defeitos. Eu nunca vi uma pessoa alta e gorda, toda alta é magra, ser magro não é defeito."
13	M	15					- A amiga de CI não se importava com sua aparência "isto é ser amiga de verdade".
14	F	14		- CI deve sentir-se bem do jeito que ela é e não do jeito que as pessoas olham para ela.			- Não valoriza as aparências "O que importa é o que as pessoas são por dentro".

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
15	M	15		- CI está certa em ignorar o que as pessoas falam.			
16	F	15	- Colocar apelido é gozar com a "cara" dos outros. Há pessoas que gostam, porém outras guardam o que sentem e demonstram nem ligar, esta é uma tática para não ser mais ofendido, porém a pessoa se prejudica. É bom ter alguém para se "abrir" e demonstrar os sentimentos, caso contrário a pessoa pode sentir-se pior a cada dia.				
17	M	15	- Brincadeira de mau gosto	- CI deve ter paciência e entender as "brincadeiras".		- Deve aproximar-se dos colegas e tentar fazer uma amizade sadia.	

Alunos			Visão Sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
18	M	16		- CI fez certo em ignorar e não se envolver em confusões, porém deve ser muito difícil agüentar o ano inteiro as gozações.	- "O pessoal pegou pesado"	- CI deve levar na esportiva o ano todo.	
19	M	14					- A amiga de CI foi gentil em admirar sua beleza, porque os outros só pensam em zoar e não elogiam
20	M	15		- CI fez certo em suportar as gozações, e terminar os estudos sem discussão e sem brigas. "É uma ótima menina"			
21	F	15	- É preconceito contra à aparência física das pessoas.				Valoriza a beleza interna " O importante é a beleza interna do ser humano e não a externa." "Aos olhos de uns CI era alta aos olhos de outros poderia até ser uma modelo"

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
21	F	15	- E preconceito contra à aparência física das pessoas.				Valoriza a beleza interna " O importante é a beleza interna do ser humano e não a externa." "Aos olhos de uns Cl era alta aos olhos de outros poderia até ser uma modelo"
22	F	15				- Não importar-se com o que dizem sobre beleza exterior.	-Não valoriza o aspecto físico " O importante nas pessoas é o que são interiormente, o que sentem e o que passam de bom para a sociedade."
23			NÃO RESPONDEU				
24	F	15		- Cl fez certo em não dar atenção, ela venceu o preconceito e "quebrou barreiras garantiu um emprego e uma faculdade terminando seus estudos".			

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
25	F	15		- CI não deve irritar-se por causa dos apelidos em virtude de sua altura.	- Eles não tem respeito com o jeito de ser de cada um.		- O que importa é a beleza interior "Não adianta ser linda por fora e ignorante por dentro."
26	F	16		- CI foi certa em agüentar as gozações dos colegas.		- Suportar as gozações. "Eles irão pensar: Ela suporta tudo, como será que consegue? Se fosse eu não estaria mais aqui."	- A amiga viu a beleza dela os outros não.
27	F	15			- Eles têm inveja dela, porque ela terminou os estudos e eles não. "Se eles acham que ela é Cabide, têm outras pessoas que não acham."		
28	M	15		- CI está correta em suportar tudo durante os anos do curso. Isto deve servir de exemplo para os obesos,altos, etc.			- Existiam pessoas que a admiravam pela sua beleza.

h)

Alunos			Visão sobre o Apelido	Visão sobre o Apelidado	Visão sobre os Apelidados	Alternativas de soluções	Outras apreciações
Nº	Sexo	Anos					
29	M	15		- CI não deve lembrar do apelido pois é um dia de comemoração. "Não deve ficar pensando em coisas do passado."			
30	M	16		- CI está certa em agüentar as gozações, é melhor do que ficar nervosa e agressiva.			
31			NÃO RESPONDEU				
32	F	15	- Certos apelidos ofendem, porém as pessoas guardam o que sentem e quando revelam surpreendem quem sempre as admirou.				

Quadro 7 – Visão da Classe – Incidente Crítico Clara

Visão do Apelido	Visão sobre o apelidado	Visão sobre os apelidadores	Alternativas de soluções	Outras apreciações
• Deveria dar cadeia. • Tratamento que pode levar à dupla interpretação. • Brincadeira de mau gosto. • Motivo de ofensas. • Motivo de gozações. • Demonstração de preconceito.	Clara é: • errada em irritar-se com o apelido. • preocupada com as gozações. • paciente por entender as brincadeiras. • <u>incompreensiva</u> com o tratamento dos colegas. • admirável por agüentar as gozações. • feliz porque é bonita.] • linda e alegre não podem zoar.	Eles são pessoas que: • podem se arrepender por tratá-la assim. • julgam-na por causa da magreza. • demonstram preconceito. • sentem inveja. • precisam de ajuda. • não têm sentimentos • desrespeitam os outros.	Clara deve: • ignorar as gozações. • não se importar com a opinião dos outros. • aproximar-se dos apelidadores. • levar na esportiva. • suportar as gozações.	• Valorizam a beleza interna do indivíduo e não a aparência. • O apelido não combina com ela. • Esse IC não é tão complicado como os outros. • Acha importante ela não ter abandonado a escola. • A amiga viu a beleza de <u>Cl</u> e os outros não.

O incidente crítico Clara (CI) apresenta uma aluna que concluiu o Ensino Médio e, no dia da formatura, confessa a uma amiga que estava aliviada pelo término do curso, pois fora chamada pelo apelido de “Cabide” durante os últimos anos na escola e não gostava. A amiga fica admirada pela confissão de CI, já que a achava bonita e tinha porte de manequim.

Este incidente provocou em alguns alunos indignação pela protagonista, e não pelos colegas que a apelidaram. Eles aparentam não achar que CI teria motivos para ficar entristecida com o apelido, visto que era bonita. A reação da amiga ficando admirada com as confissões de CI parece ter contagiado os alunos também.

Fica claro nas opiniões que eles concordam com CI por ter suportado o apelido mesmo não gostando; comparam com os outros IC em que os protagonistas se envolveram em brigas e acham que ela fez bem em não demonstrar insatisfação durante os anos em que foi apelidada. Não surge nenhuma opinião de que ela deveria ter procurado ajuda durante o curso com um adulto. Não consideram a possibilidade de uma pessoa bonita sofrer; é como se ela, por ser bonita, tivesse a obrigação de ser feliz.

Visão do Apelido

A maior parte das opiniões surgidas neste incidente, são idênticas às dos incidentes anteriores.

“Apelido poderia dar cadeia.” (A 2)

“Brincadeira de mau gosto.” (A 17)

“Apelido é preconceito contra a aparência física das pessoas.” (A 21)

Esta coincidência ratifica a tese proposta para este estudo, de que o apelido pejorativo deve ser tratado com seriedade e não pode ser visto como simples brincadeira na escola. Mostra, ainda, ser este um tema provocativo para reflexões no ambiente escolar.

“O apelido às vezes é dado na intenção de zoar e outros na intenção de que as pessoas se sintam melhores. É melhor não apelidar ninguém para não criar confusões e magoar as pessoas.”

(A 4)

A opinião indica o quanto o apelido pode levar à dupla interpretação. Para o aluno existem duas intenções nos apelidos, a de zoar e a de agradar, na dúvida de como a pessoa o receberá, é melhor não apelidar ninguém.

“Colocar apelido é gozar com a cara dos outros. Há pessoas que gostam porém outras guardam o que sentem e demonstram nem ligar, esta é uma tática para não ser mais ofendido, porém a pessoa se prejudica. É bom ter alguém para se abrir e demonstrar os sentimentos, caso contrário a pessoa pode sentir-se pior a cada dia.” (A 16)

Esta opinião indica que o apelido é sempre gozação para quem dá, a diferença está em quem recebe, já que existem pessoas que gostam e outras não. A saída para aquelas que não gostam, de acordo com o aluno, é ignorar e guardar os sentimentos. O aluno mostra ainda saber que guardar sentimentos de insatisfação pode ser prejudicial e a pessoa irá precisar de alguém para desabafar.

Visão Sobre o Apelidado

“Cl era bela não tinha por que alguém zoar. Ela tem que ser feliz, pois é bonita e pode até ser modelo, não tem porque se irritar.” (A 3)

“Cl entendeu que seu apelido estava criticando sua altura e magreza, mas era um elogio.” (A 4)

“Cl deve sentir-se linda e alegre por causa do apelido.” (A 1)

As visões acima mostram três posições distintas. Primeiro, os alunos não acreditam que ela era zoada pelo fato de ser bonita. Na visão deles, as pessoas não zoam quem é bonito, por isto é difícil acreditarem nos sentimentos de **Cl**; para eles, o apelido era um elogio. Segundo, por ela ser bonita, não deve se irritar com o apelido, deve suportar. Terceiro, ela deve se sentir linda e alegre com o apelido. É quase uma obrigação de ser feliz por ser bonita.

Segundo Wallon, as ações e reações do meio sobre o indivíduo têm influência para a formação da personalidade. As opiniões expressas acima podem ser provenientes de uma subcultura veiculada pela TV, através de propagandas e pela internet, as quais transmitem ao jovem o conceito de que beleza é sinônimo de felicidade.

“Admira a força de vontade e paciência de Cl, em agüentar as gozações. Parabéns Cl!” (A 10)

“Cl fez certo em suportar as gozações e terminar os estudos sem discussão e sem brigas. É uma ótima menina.” (A 20)

As opiniões acima mostram que houve uma comparação com os incidentes anteriores nos quais os protagonistas se tornaram agressivos

por receberem apelidos. Os alunos neste depoimento elogiam a paciência de CI e a parabenizam por tolerar as gozações. Para eles, é melhor conviver com o problema e adotar a lei do silêncio mesmo sofrendo. Isto é visto pelos alunos como uma qualidade admirável em CI.

Visão Sobre os Apelidadores

Algumas opiniões sobre os apelidadores já haviam surgido nos incidentes anteriores. Por exemplo, que são pessoas preconceituosas e que desrespeitam os outros. As opiniões confirmam o uso do apelido como forma de discriminação e novamente colocam as diferenças físicas como defeito.

“Eles não têm respeito com o jeito de ser de cada um.” (A 25)

“Eles têm preconceito contra as pessoas altas e fazem gracinhas colocando defeito nos outros. (A 3)

Uma nova posição que surge neste incidente a respeito dos apelidadores é a inveja. Alguns alunos acham que eles apelidam CI porque sentem inveja dela por ter terminado os estudos ou por ser bonita.

“Eles sentem inveja, às vezes as pessoas sentem-se menos que as outras e apelidam.” (A 9)

“Eles têm inveja dela, porque terminou os estudos e eles não.” (A 27)

A inveja surge apenas neste incidente, o que mostra que o fato de CI ser bonita muda a visão dos alunos. A beleza é provocadora de inveja e pode até ser objeto de discriminações.

Uma opinião que também não surgiu nos casos anteriores e que vale a pena citar é a de que os apelidadores precisam de ajuda.

“Eles precisam de ajuda.” (A 10)

Esta opinião mostra uma visão bem madura do adolescente a respeito do assunto, pois o aluno vê aqueles que agridem com o apelido como colegas que precisam ser orientados.

Nas escolas, ou em outros espaços que o jovem costumeiramente freqüenta, existem comportamentos que são negativamente sancionados. Muitas vezes eles são punidos por estes comportamentos com a expulsão daquele espaço, o que reflete negativamente no seu desenvolvimento. O aluno agressivo, rebelde, violento e hostil precisa de ajuda antes da punição, e esta ajuda deve ser rotina na relações escolares, desta maneira, o adulto estará confiando e investindo em sua recuperação.

Alternativas de Soluções

A maioria das alternativas que surgiram são parecidas com as oferecidas anteriormente, ou seja, ignorar os apelidos e suportar as gozações.

“Ignorar os apelidos, pois também existiam amigos que achavam ela bonita.” (A 7)

“Suportar as gozações. Eles irão pensar que ela suporta tudo, e se perguntarão: Como ela consegue?” (A 26)

Novamente surge o mascaramento da realidade ao invés do enfrentamento do problema. Suportar, agüentar calada sofrendo atitudes

preconceituosas. Ignorar, fingir que não vê e não ouve os apelidos de que não gosta.

A experiência de ser vitimizado na escola não é facilmente superada, e muitas vezes, torna-se um estigma para o aluno. Evidências empíricas mostram que pessoas vitimizadas estão mais propensas a apresentarem problemas comportamentais e afetivos.(Koller e Lisboa, 2004)

Uma sugestão que surgiu no presente caso e não nos anteriores é a de “levar na esportiva”.

“CI deve levar na esportiva o ano todo.” (A 18)

Levar na esportiva significa aqui, não considerar o apelido como fator de interferência negativa nas relações interpessoais. O apelido é visto neste caso como jogo e deve ser levado como tal, em que as regras já estão definidas. Cabe ao apelidado aceitar.

Outra sugestão que surgiu, importante de ser mencionada, é para CI aproximar-se dos apelidadores, demonstrando que os alunos são abertos à negociação e ao diálogo.

“Deve aproximar-se dos colegas e tentar fazer uma amizade sadia.” (A 17)

Um dos aspectos que se pode explorar a respeito desta busca ao diálogo e de uma amizade sadia, a fim de resolver os conflitos, é o senso de responsabilidade.

A responsabilidade é, na verdade, tomar a seu cargo o êxito de uma ação que é executada em colaboração com outros ou em proveito de uma coletividade. Este sentimento é preciso tentar desenvolver no adolescente, a responsabilidade, não apenas com o grupo fechado, mais sim com as tarefas sociais.

(Wallon, 1975, p 222)

O aluno entende que uma amizade sadia se faz com diálogo para resolver os conflitos. Deixa implícito, ainda, que a amizade de **CI** com seus colegas não foi saudável. Aconselha-a a procurá-los para tentar reverter este quadro.

Outras Apreciações

Entre as apreciações que apareceram aqui, vale destacar as que dizem respeito à amiga da protagonista.

*“Este caso não é tão complicado quanto aos outros, porque a amiga achava **CI** bonita.”(A 8)*

*“A amiga de **CI** importava com sua aparência isto é ser amiga de verdade.” (A 13)*

*“A amiga de **CI** é gentil em admirar sua beleza, porque os outros só pensam em zoar e não elogiam.” (A 19)*

“A amiga viu a beleza dela, os outros não.” (A 26)

Os adolescentes gostaram da posição da amiga de **CI**, pois ela a achava bonita. Independentemente de sua aparência, a amiga de **CI** é gentil e só viu a beleza em **CI**. Estes posicionamentos demonstram a importância que o jovem dá para a amizade na escola.

O grupo na escola é muito importante para o aluno. O aluno sozinho sente que está sendo excluído e não tem motivação para ir à escola e nem aprender.

O professor deve estar atento à dinâmica das relações entre os jovens, observar o processo de acolhimento nos grupos, a fim de evitar a

exclusão que eles fazem entre si. Um educador atento pode orientá-los a promover a inclusão e a participação de todos no grupo.



Considerações Finais

Considerações Finais

Iniciei este trabalho sensibilizada pelo tema que, muitas vezes, interfere na satisfação do aluno em freqüentar a escola. Como educadora, minha ação tem sido no sentido de garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem dos alunos, e vejo na violência, através dos apelidos, uma interferência nesta ação. Mas o que pensam e sentem os adolescentes sobre o tema? Adolescentes por cuja formação sou uma das responsáveis.

Os rumos deste trabalho possibilitaram demonstrar, a partir das visões dos adolescentes, que existe, também para eles, grande possibilidade de um aluno ser excluído da escola por receber um apelido pejorativo de seus colegas.

Ficou evidente que o tema sensibilizou o adolescente. Entendo que as opiniões emitidas não fazem parte de impressões imediatas a respeito do assunto, mas que elas são frutos de posicionamentos de valores, das concepções que o jovem vai criando ao longo do seu desenvolvimento. Fazem parte do processo de constituição da pessoa do adolescente, com tudo os que os diferentes meios trouxeram a ele.

No decorrer das opiniões emitidas pelos adolescentes, as relações com seus pares foram sendo apresentadas da maneira que são percebidas e vividas por eles. Seus conceitos sobre amizade, respeito, beleza, preconceitos, violência, escola, entre outros, foram surgindo e são enriquecedores para o entendimento de como o adolescente resolve os conflitos enfrentados nas interações com seus colegas.

Ficou evidente que a afetividade permeia as visões dos adolescentes, nas suas expressões de emoções e sentimentos.

“C está certa em ser agressiva por causa das ofensas se fosse comigo iria brigar com todo mundo da escola.” (A 2 –IC C)

“O apelido é uma barbaridade, pode provocar raiva, angústia e depressão profunda.” (A 14- IC C)

“Colocar apelido é gozar com a cara dos outros. Há pessoas que gostam, porém outras guardam o que sentem e demonstram nem ligar, esta é uma tática para não ser mais ofendido, porém a pessoa se prejudica.” (A 16- IC CI)

Essas demonstrações de emoção e sentimento são próprias do estágio da puberdade e adolescência no qual predomina o conjunto funcional afetivo. O jovem fica sensível a questões que envolvem seus pares e aos valores do tempo em que vive.

O adolescente demonstra igualmente facilidade em se colocar no lugar do outro. O outro, neste caso, é o apelidado dos incidentes. Sofre com ele, emite sugestões e alternativas para solucionar o problema. Em alguns momentos percebe-se que o envolvimento do aluno foi tanto, que até manda recado para o protagonista.

“Parabéns! Clara.” (A 10)

Wallon aborda o desenvolvimento do “eu” em uma perspectiva fundamentalmente social, em que a construção do conceito de si é compreendida em sua íntima relação com o “outro”. Cuidar para que o desenvolvimento do “eu” no adolescente seja saudável no ambiente escolar significa colocar a seu dispor todos os recursos no entendimento das

relações existentes na escola. Buscar as origens dos preconceitos e manifestações discriminatórias é uma maneira de colaborar com isto.

A violência possui diversas máscaras, muitas delas invisíveis aos olhos. O apelido pejorativo é uma delas, não deixa marcas explícitas. Ocorre entre os alunos e, às vezes, é percebido pelo professor porém este finge que não vê. Faz exatamente como os adolescentes deste estudo sugerem ao apelidado.

“Desprezar os amigos e fingir que não é com ele.” (A 5 H)

Fingir que não vê este tipo de violência é prática de alguns professores. Estudo feito sobre as sutilezas das faces da violência nas práticas escolares mostra que “há momentos em que é possível perceber que o adulto tem a percepção de que a prática da violência está se efetuando, mas finge que não está vendo.” (Camacho, 2001)

Mais grave que fingir que não vê, é o professor, muitas vezes, ser o causador desta violência. A minha vivência escolar já testemunhou atitudes por parte de alguns docentes, que confirmam isso. Colocar apelido, gritar, tratar por palavrões, profetizar o insucesso, falar mal da família, comparar com outros alunos, mandar sair da sala, rasgar o caderno, identificam práticas que, infelizmente, acontecem em muitas salas de aula.

A relação professor-aluno não foi objeto do presente estudo, porém é imperioso falar do papel do professor como um dos responsáveis para a constituição da pessoa do aluno. Esta responsabilidade está em aprimorar cotidianamente a qualidade das interações com seus alunos, bem como intervir diretamente nas interações dos alunos com seus pares.

Qual o papel do professor? (...) Deve em colaboração com os seus alunos, conhecendo-os, se não nas particularidades da sua vida individual, pelo menos segundo as classificações entre as quais é preciso distribuir as existências individuais, deve examinar com elas o meio onde os encaminharão às suas diferentes profissões. Deve, desta maneira, ser uma perpétua remodelação de idéias pelo contato permanente de uma realidade que é móvel, feita da existência de todos e que deve tender para o interesse de todos.
(Wallon, 1975, p 224)

São inúmeras as facetas da exclusão, a questão sócio-econômica, as questões familiares, a questão da repetência e cada vez mais passam a ser objeto de interesse dos pesquisadores as questões das práticas cotidianas expressas em pequenos delitos. Sinalizam que o ambiente escolar há muito perdeu a inocência de espaço seguro para o crescimento da criança e do adolescente. As visões dos alunos identificam que, para alguns, a violência é comum e banalizada, para outros, é consequência da discriminação racial e da exclusão social.

(...) a exclusão é o indicador de uma transformação da escola que ultrapassa amplamente os casos agudos de exclusão. O problema da exclusão nos ensina que as relações da escola e da sociedade se transformaram e que a escola perdeu sua “inocência”. Ela própria é o agente de uma exclusão específica que transforma a experiência dos alunos e abre uma crise de sentido nos estudos, às vezes até da legitimidade da instituição escolar. (Dubet, 2001, p 43)

São vários os alunos que identificam os apelidos como causadores de dor, tristeza, mágoa, baixa auto-estima, humilhação, desvalorização e não reconhecimento da dignidade de como todos merecem ser tratados.

O esforço colocado neste trabalho em trazer a visão do aluno sobre o apelido pejorativo na escola pretende ajudar o educador na reflexão e na busca de medidas estratégicas para o aprimoramento das relações escolares entre os alunos. Coloco propositalmente esforço porque não foi fácil, para mim, passar de professora e diretora para pesquisadora. Mas tentei, e aprendi muito no processo. E posso afirmar agora, baseada na fala dos

adolescentes, que ouvir o aluno, criar espaços de discussões sobre as questões afetivas e relacionais, pode ser um bom caminho para uma escola de melhor qualidade.

Certamente o educador não pode pensar em todas as demandas do aluno cada vez que desenvolve seu trabalho, mas pode, por outro lado, construir junto com o adolescente um percurso original e criativo, no qual ele também cresce. Desta maneira, os benefícios serão de ambos. É ingênuo acreditar que as discriminações na escola deixarão de existir, porém mais ingênuo ainda é ignorá-las, como se elas se eliminassem por si mesmas.

Lembrando Pearson:

Uma surra as pessoas esquecem. Já um apelido, principalmente aquele que é fruto de gozação, não. Jamais. E muitas vezes, fixam-no de tal maneira que formam uma nova identidade. (...) O tapa é a libertação da agressividade que você pode conter até o último instante. A palavra, uma vez liberada, não tem como ser controlada. Você até pede desculpas, perdão ou o que quer que seja, mas para muitos as palavras ofensivas já aumentam a tensão e muitas agressões físicas e até morte acontecem pelo atijamento das palavras .(2004).

Os mecanismos que atuam hoje no ambiente escolar e geram uma exclusão interna, são reflexos do pouco interesse na educação da dimensão afetiva na escola. O aluno continua sendo visto como um indivíduo a ser ensinado e disciplinado. Com isto as questões dos relacionamentos deixam de ser priorizadas, podendo gerar desafeto, desilusão, desalento e desesperança para alguns jovens.

O apelido pejorativo na escola não deve ser ignorado como fator de exclusão. Trazê-lo à tona para reflexão é mais uma contribuição no sentido de **retomar e retomar** o tema discriminação, que nunca deve se esgotar, principalmente entre aqueles que mais podem contribuir na

transformação de uma sociedade impregnada de preconceitos, **os professores.**

Termino este relatório de pesquisa com a seleção de alguns **Recados** dos adolescentes aos professores, gestores escolares e responsáveis pelas políticas educacionais:

“Os adultos devem prestar mais atenção nas crianças quanto ao que elas fazem e falam, pois podem prejudicar outras pessoas.”
(A 6, **H**)

*“**H** deve procurar a direção da escol.a Caso esta não tome providências, ele pode se defender e a direção não pode dar advertência.”* (A 10 **H**)

“Os diretores de escola devem fazer algo para mudar esta situação.”
(A 4**C**)

“ A escola representa um bom futuro, um trabalho e uma faculdade.”
(A 24 **C**)

“ Procurar o diretor da escola, que deve chamar os pais do apelidados. Caso isto não resolva, tomar as providências sozinha.” (A 27 **C**)

“ A escola deve ter um psicólogo para atender os alunos. Assim estes participam das seções e não se sentem mal por causa dos outros.”(A 16 C)

“Procurar o diretor de escola e os professores, eles tomarão providências.” (A 26 C)

“H deve procurar a professora, caso ela não resolva deve procurar o diretor e se ele ainda não der jeito, falar para seus pais.”(A 15 H)

O que os recados revelam?

Os adolescentes estão clamando para que professores, diretores e pais **cuidem deles**, intervindo quando as relações interpessoais, principalmente entre seus pares, venham a prejudicar seu desenvolvimento afetivo-cognitivo.

Referências

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (2004 a). Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: Mahoney e Almeida (org.) *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo, Loyola.
- ABRAMOVAY e RUA, (2003), *Violências nas escolas*, Ed. UNESCO, Brasília,
- ABRAMOVAY, Miriam (coord.) (2004). *Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas*. Ed. UNESCO, Brasília, Brasil.p 29
- ABRAPIA, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, www.abrapia.org.br
- ALMEIDA, L. R.; (2006). O coordenador Pedagógico e a questão do cuidar. In: Almeida, L. R., PLACCO, V. M.N.S., (orgs) *O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade*. São Paulo, Loyola.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de e Mahoney. Abigail Alvarenga (2005). *Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. Psicologia da Educação, S. Paulo,20, 1º semestre 2005.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (2004 b), *O incidente crítico na pesquisa em educação*. PUC-SP
- AMARAL, Ligia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: Aquino, Julio G (org.), *Diferenças e Preconceitos na Escola*, São Paulo, Summus, 1998.
- ANDRADE, Seetuko de, 1983. *A influência do apelido e papel social no processo de recuperação do alcoólatra*, Tese de |Mestrado, PUC-SP,
- AQUINO, Julio Groppa (2000). *A escola e a violência nossa de cada dia*. In.: Aquino, J.G. (org.) *Do cotidiano Escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos*. Ed Summus, São Paulo, pp 163-164.
- CÂMARA JR., J. Mattoso, (1968). *Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa*, Lozon+ Editor, São Paulo, pp 49, 193

COSTANTINI, Alessandro (2004). *Bullying: como combatê-lo*. Ed. Itália Nova, São Paulo, p 80.

CUNHA, Antonio Geraldo da. (2001). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

DEBARBIEUX, Éric (2002). “Violência nas Escolas: Divergências sobre palavras e um desafio político”. In: Debarbieux, E. e Blaya, Catherine (org.) *Violências nas escolas e políticas públicas*. Ed. UNESCO. Brasília, . pp 65, 82

DUBET, François. (2000/2001) A Escola e a Exclusão, revista *Éducation et Sociétés*, n 5. p 43.

ESTRELA, Maria T. e ESTRELA, Albano, (1994). *A técnica dos incidentes críticos no ensino*, Ed. Estampa, Lisboa.

FANTE, Cleo, (2005). *Fenômeno Bullying*, Ed. Verus, Campinas, SP

GULASSA, Maria Lúcia Carr Ribeiro (2004). *A constituição da pessoa: os processos grupais*. In: Almeida e Mahoney (orgs). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. Ed. Loyola, São Paulo.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, (2003) *Dicionário Houaiss de sinônimos*, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, (2004). *Dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro.

KONZEN, Paulo Cezar, 2002, *Ensaio sobre a arte da palavra*, Edunioeste, Cascavel.

LISBOA, Carolina e Koller, Silvia H, (2004). *Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção*. In: Boruchovitch, Evely e Bzunech, José Aloyseo (orgs). Ed. Vozes. Rio de Janeiro.

MAHONEY, Abigail Alvarenga (no prelo). *A dimensão afetiva e o processo ensino aprendizagem*. In.: Almeida e Mahoney (org.). *Afetividade e Aprendizagem: contribuição de Henri Wallon*. São Paulo, Loyola.

CAMACHO, Luiza M.Y., (2001). *As sutilezas das faces da violência nas*

MAHONEY, Abigail Alvarenga. (2004). A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In.: Mahoney e Ameida *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*, São Paulo, Loyola.

NIEMEYER, Ana Maria de e SILVA, Maria José Santos (2000). “O que o silêncio revela. Um estudo sobre a juventude negra em escolas públicas da periferia paulistana” . I Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença – UNICAMP. São Paulo

PEARSON, Magda Sant’Anna C. (2004). Pau Pau, Pedra Pedra as palavras não me ferirão... e como ferem! Ed. Livro Pleno, São Paulo, p 11.

práticas escolares de adolescentes. Revista Educação e Pesquisa –USP, v 27, n.1 p.137-140, jan/jun. São Paulo.

SMITH, Peter K. (2002). Intimidação por colegas e maneiras de evitá-las.In. Deberbieux e Blaya (orgs.) *Violência nas escolas e Políticas Públicas*, Ed. UNESCO, Brasília.

SPOSITO, Marília pontes, (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Revista Educação e Pesquisa- USP, v.27, nº1, jan/jun, São Paulo.

SZYMANSKI, Heloísa, (2004), Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. Ed. Liber livro, São Paulo

WALLON, Henri, (1938/1982). La vie mentale. Paris: Messidor/ Éditions Sociales.

WALLON, Henri, (1986). Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In.: Werebw, M.J., Nadel-Brulfert, J. (orgs.) Ática, São Paulo

WALLON, Henri. (1973/1975) Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa.

WALLON, Henri. (1941/1981). A evolução psicológica da criança. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70.

WALLON, Henri. (1973/1979), Psicologia e Educação da criança. Lisboa: Vega.

WALLON, Henri. (1986) O papel do Outro na consciência do Eu. In: Werebe, M.J., Nadel-Brulfert, J. (orgs). Ática, São Paulo.



ANEXOS

ALUNO Nº 1 sexo ☒ feminino (x) ☐ masculino () idade 17

CASO nº 1

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de "Tetinha", fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

A minha opinião é que os colegas de Humberto não deveriam colocá-lo apelido feio. Quando eu humilto ele se torna agressivo porque os colegas tomam prazer sendo agressivos com ele, mas é uma agressão física mais sim uma agressão sentimental que machuca muito esse menino. Eu acho que as pessoas deveriam pensar antes de colocar apelido por outro, por que isso machuca muito eles e podem não sentir a dor mas as pessoas que estão sendo ofendidas sentem. Então com o passar do tempo ela não aguenta mais aquilo e então ela acaba chorando e coloca tudo o que ela sente para frente e ela quer machucar aqueles pessoas do mesmo jeito que eles machucou ela.

ALUNO Nº 4 sexo ☒ feminino ☐ masculino() idade 17

CASO nº 1

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de "Tetinha", fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

Bom, quanto ao seu apelido, eu acho que se ele for uma pessoa que goste desse tipo de brincadeiras, provavelmente ele deve estar gostando do seu apelido, pois para ele isso faz parte das brincadeiras de sala de aula. Sendo assim, ele também tem a liberdade de colocar apelidos em seus amigos também, e os mesmos também devem aceitar, pois se partir do momento que você faz brincadeiras, coloca apelidos nos amigos de sala, você também corre o risco de ter seu apelido também. Então não quer receber apelidos não, coloque em ninguém!

mas há outros casos, se ele recebeu apelido sem dar sequer alguma liberdade, já é uma brincadeira de mal gosto para ele. Se isso temer atitudes que fazem com que ele se envolva em brigas.

ALUNO Nº 01 sexo feminino () masculino (X) idade 15

CASO nº 1

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de "Tetinha", fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

Na minha opinião, acho que apelido nunca é agradável, portanto tem vários tipos de reação que uma pessoa pode ter em relação a um apelido.
No caso de Humberto ele reage da forma que muitas pessoas reagem com violência, o porquê da violência?
Tentando impor respeito com os colegas, para ganhar seu espaço.
Não sou a favor do apelido muito pelo contrário, acho que as pessoas devem se respeitar mais, assim não tem tanta violência.

ALUNO Nº 26 sexo ☒ feminino () masculino () idade 14

CASO nº 1

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de "Tetinha", fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

Humberto não deveria brigar, mesmo que ele achasse ruim. Ele deveria falar com seu pai para ir a escola, caso não desse jeito ele deveria mudar de escola.
Não foi uma atitude boa, Humberto deveria fingir que não conhecia aqueles alunos e sem pensar que ele teria ~~seu~~ aquele apelido.
Quando nós usamos apelidos ou apelidos que não gostamos, devemos fingir que não conhecemos aquelas pessoas, por fingir que não conhecemos, elas se sentem sem graça.

ALUNO Nº 32 sexo feminino (X) masculino() idade 15

CASO nº 1

Humberto tem 14 anos e estuda na 8ª série. É um menino obeso e em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na 7ª série um grupo de colegas deu-lhe o apelido de "Tetinha", fazendo piadinhas sobre ele no recreio e na sala de aula. Agora, na 8ª série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

Qual sua opinião sobre este caso?

ACHO LEGAL APELIDOS, PORÉM QUANDO NOSSOS COLEGAS GOSTAM E RESPEITAM.

NO CASO DE HUMBERTO ELE DEVERIA CHEGAR A UM ACORDO COM OS COLEGAS, EXPLICANDO QUE ESSE APELIDO O INCOMODA E O DEIXA CONSTRAÍDO OU SIMPLEMENTE IGNORANDO. SEI QUE SERIA DIFÍCIL, MAS É MUITO MELHOR DO QUE BRIGAR

ALUNO Nº 1 sexo feminino (x) masculino () idade 15

CASO nº 2

Caroline com 14 anos, concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de "Fusão Preto". Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu na escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

A primeira opinião é que ela ficou muito magoada com as gozações dos colegas que fez ela mudar ali a escola. Mas que ela não que mais ser gozada, ela já estava chateada com aquilo e então antes dela sair da escola ela resolveu se mudar e não conversar e nem fazer trabalhos em grupo com nenhuma pessoa daquela sala porque ela se sentia muito ofendida. Com as gozações dos colegas Caroline foi ofendida e não estudou mais lá, por que todos não a deixaram em paz. Eu acho que todos não temos defeitos e ninguém é perfeito, então pra que ofender os outros por serem se eles não? Todos os pessoas com os mesmos defeitos e não com diferenças físicas.

ALUNO Nº 4 sexo ☒ feminino ☐ masculino () idade 17

CASO nº 2

Caroline com 14 anos, concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de "Fusão Preto". Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu na escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

mas uma vez as brincadeiras de mal gosto, pelo que parece a menina não é de apelidar os amigos, por isso não gostou de suas atitudes, assim teve uma certa, solidão, ela não quis mais saber de escola por esse motivo. mas quem se ela apelida os seus amigos na 5ª série, ela acredita isso, dando liberdade.

mas mesmo assim isso não é motivo para algumas pessoas não terem limites e terem que as coisas tem limites. e os diretores da escola deveriam fazer algo para mudar a situação.

E pelo fato, o apelido da menina, se refere a sua cor (assim como no caso nº 1) (que se refere as qualidades físicas da pessoa) e esse fato pode-se chamar de racismo, pois "Fusão Preto" isto querendo dizer, algo sobre sua característica física.

ALUNO Nº 0 sexo feminino () masculino (☒) idade 15

CASO n° 2

Caroline com 14 anos, concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de “Fusão Preto”. Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu na escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

Eu acho um absurdo, os colegas de sala chegam, ao entrar, ao pinto do colega tem xixi a troco de uma pena que os seus amigos sempre apilados, e pinto e o mais pitado ainda e um coelho contra um. Ridiculamente a escola inteira contra ele. Não sabe nem as palavras, aborrido!!!!!!

ALUNO Nº 26 sexo feminino (☒) masculino () idade 14

CASO nº 2

Caroline com 14 anos, concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de "Fusão Preto". Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu na escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

Ela não deveria ficar nessa situação, mesmo tendo apelido gostando ou não gostando ela deveria ter ido à direção e dizer que iria tomar uma atitude, não é fácil suportar uma turma adotando apelido com esse significado. Mas essa é a melhor atitude que devemos tomar, falar com o professor e com o diretor. É claro que ela iria ficar reprovada, mas não iria se livrar dos colegas que a chamavam de "Fusão Preto".

ALUNO Nº 32 sexo feminino (X) masculino () idade 15

CASO nº 2

Caroline com 14 anos, concluiu a 8ª série no ano passado. Desde a 5ª série estudou com a mesma turma. Logo na 5ª série começou a receber gozações dos colegas de classe e foi apelidada de "Fuscão Preto". Este apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disto Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de Educação Física. Este ano não compareceu na escola para renovar a matrícula.

Qual sua opinião sobre este caso?

ACHO QUE CAROLINE CANSOU-SE DE TANTA HUMILDAÇÃO
E RESOLVEU PARAR DE ESTUDAR.
SÓ QUE ESSA NÃO SERIA A RESPOSTA PARA OS SEUS PROBLEMAS.
ACHO QUE JÁ QUE ELA NÃO SE DAVA BEM COM SEUS COLEGAS
(DEVIDO AO APELIDO) ELA DEVERIA SOLICITAR A
TRANSFERÊNCIA DE SALA.
NÃO PARAR DE ESTUDAR.

ALUNO Nº 1 sexo feminino (x) masculino () idade 17

CASO nº 3

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia "Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil aguentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de "Cabide" por causa da altura". Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

Na minha opinião as pessoas que
fazem apelidades devem se sentir
felizes e alegres e continuar lutando
pelas suas ideias e nunca deixar que
ninguém tire o peso de seus ombros
independente de qualquer coisa
e também devem lembrar todos os
gozados por que hoje as pessoas podem
fazer o que quiserem e lembrar que
podem estar sendo gozados.

ALUNO Nº 4 sexo ☒ feminino ☐ masculino () idade 17

CASO nº 3

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: "Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil aguentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de "Cabide" por causa da altura". Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

Bom neste caso os amigos talvez queiram que ela entendesse seu apelido como carinhoso, mas infelizmente ela não entendeu o motivo do apelido, mas isso foi esclarecido.

Como podemos perceber, ela ficou muitos anos passando a umilhação de ser chamada de uma coisa que ela não gostava.

Isso é o que acontece, muitos vezes, amigos põem apelidos uns nos outros, na intenção de zueira, e outros na intenção de que a pessoa se sinta melhor, com apelidos carinhosos.

No caso de Clara, ela entendeu que "cabide" seria um apelido que estivesse criticando sua aparência, alta e magra, mas seus amigos apenas acharam que ela tinha o porte de modelo.

Por isso é melhor não apelidar ninguém para não criar confusões, magoando pessoas, e criando confusões.

ALUNO Nº 9 sexo feminino () masculino (X) idade 15

CASO nº 3

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: "Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil aguentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de "Cabide" por causa da altura". Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

É um caso muito comum. Invariavelmente as meninas se sentem um pouco menos de quem as irritam por esse aspecto físico.

ALUNO Nº 26 sexo feminino ☒ masculino () idade 14

CASO nº 3

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: "Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil aguentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de "Cabide" por causa da altura". Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

Clara tem uma atitude certa, aguentar as gozações dos outros colegas. Quando alguém suposta tudo, que vem pela frente, a amiga, sempre uma diferença nela, ficam naquela situação. Como é que ela conseguiu suportar isso? Se fosse eu, já não estaria mais aqui. Mas não sei se isso, só a beleza tem. Bem, assim como a Tânia, não a beleza de Clara, mas os outros não.

ALUNO Nº 32 sexo feminino (☒) masculino (☐) idade 15

CASO nº 3

Clara terminou o Ensino Médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia "Que bom chegar ao final do colegial, foi difícil aguentar nestes anos as gozações dos colegas me chamando de "Cabide" por causa da altura". Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

Qual sua opinião sobre este caso?

ÀS VEZES CERTOS APELIDOS OFENDEM AS PESSOAS, MAS
ESTAS O GUARDAM E QUANDO OS REVELAM A OUTRAS
ESTAS SE SURPREENDE POR SEMPRE ADIMIRÁ-LAS.